

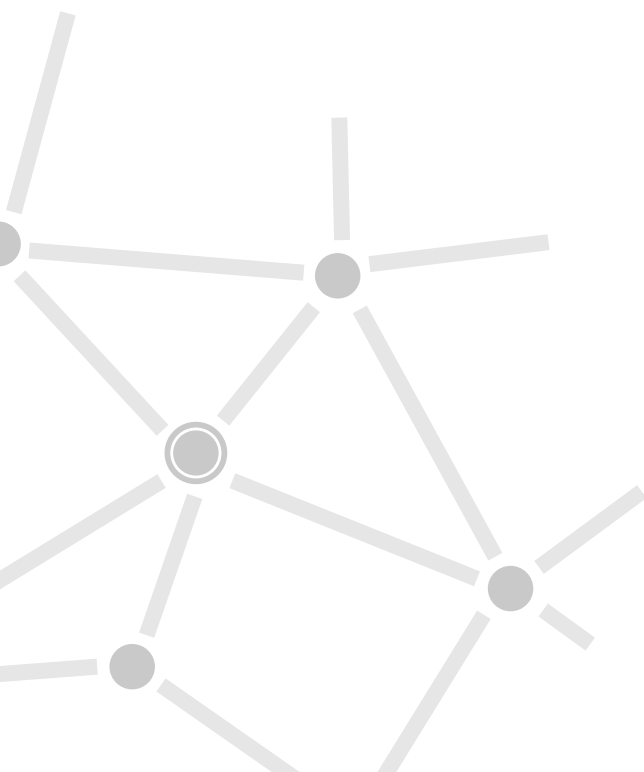
RENALLE RUANA PESSOA RAMOS

ADESÃO E USO DAS REDES SOCIAIS (SNSs)

UMA PROPOSTA ANALÍTICA

	1	0	0		
0	1	1	1	0	0
1	0	1	0	0	1
0	1	0	1	0	1
1	1	1	0	1	1
0	1		0	0	1
0				0	0

CAMPINA GRANDE
2 0 1 4



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RENALLE RUANA PESSOA RAMOS

**ADESÃO E USO DAS REDES SOCIAIS (SNSs):
UMA PROPOSTA ANALÍTICA**

CAMPINA GRANDE

2014

RENALLE RUANA PESSOA RAMOS – 071.282024-3

**ADESÃO E USO DAS REDES SOCIAIS (SNSs):
UMA PROPOSTA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado e Bacharel em Psicologia.

ORIENTADORA: LAÉRCIA MARIA BERTULINO DE MEDEIROS

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R175a Ramos, Renalle Ruana Pessoa.

Adesão e uso das Redes Sociais (SNSs) [manuscrito] : uma proposta analítica / Renalle Ruana Pessoa Ramos. - 2014.
78 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros, Departamento de Psicologia".

1. Redes Sociais. 2. Social Network Sites. 3. Pensamento Sistêmico. 4. Transacionismo. I. Título.

21. ed. CDD 302.23

RENALLE RUANA PESSOA RAMOS


**ADESÃO E USO DAS REDES SOCIAIS (SNSs):
UMA PROPOSTA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado e Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 26 / 11 / 2014

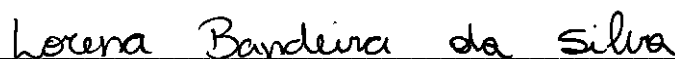
Banca Examinadora:

Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Doutor



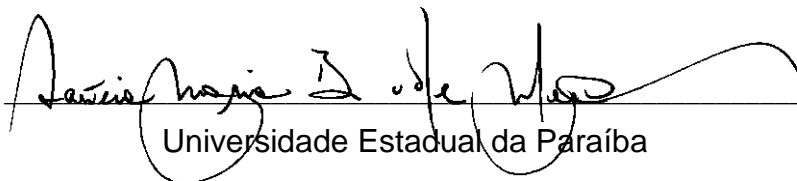
Universidade Estadual da Paraíba

Lorena Bandeira da Silva, Mestranda



Universidade Estadual da Paraíba

Laércia Maria Bertulino de Medeiros, Doutora



Universidade Estadual da Paraíba

– Orientadora –

À minha querida avó **Isa de Melo** (*in memoriam*), que, infelizmente, nunca concretizou a vontade de ser psicóloga, mas cuja lembrança de sua humanidade permanece em mim a salvo da transitoriedade e enquanto eterna possibilidade de significado e sentido, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao princípio criador das infinitas possibilidades que se cruzam no universo, por viabilizar a superação digna de um resultado imprevisivelmente desfavorável;

À minha mãe, Ivani Pessoa de Oliveira, por sua incansável presença;

À minha tia, Iara Pessoa de Oliveira, pelo imenso apoio prestado;

À minha prima e futura psicóloga, Andressa Raissa Pessoa de Souza, pelo auxílio quando este me foi tão necessário;

À Sonalle Batista, que me disponibilizou seu tempo em um momento no qual este lhe era especialmente caro;

À Iria Guazzi Linden, por se disponibilizar, enquanto usuária do Facebook, a compartilhar de modo único sua experiência de uso nesta plataforma;

À Ana Teberge e Márcia Avellar, pelas palavras e atos de apoio;

Aos que se empenharam em prol da minha saúde, meus fisioterapeutas Clara Maria Crispim Muniz, Sebastião Marliuton Pereira de Lima e Fabrício Lisboa Veras, também meu Laoshi; e à minha terapeuta, pelos cuidados que me permitiram seguir com minhas atividades apesar das dificuldades psíquicas e somáticas;

Aos verdadeiros Mestres, por seus ensinamentos;

Ao Professor Edmundo de Oliveira Gaudêncio, pelo apoio em suas palavras num momento de desilusão;

À Viktor Frankl, por brindar-nos com um olhar inigualável do homem;

Aos cientistas que se empenharam em construir uma ciência melhor e cujos trabalhos me inspiraram a vislumbrar novas possibilidades;

Especialmente à minha orientadora, Professora Laércia Maria Bertulino de Medeiros, por suas sugestões, disponibilidade e acolhimento em um momento difícil. Acima de tudo, por escolher a dignidade moral quando esta não era conveniente para ninguém, em uma demonstração magistral do que significa, de fato, ser humano. Minha mais profunda gratidão por me fazer acreditar que manter a humanidade ainda é uma escolha possível, o que me inspirou a construir o presente trabalho;

Aos anônimos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que a presente realização fosse possível.

Muito Obrigada!

“Os homens não são iguais – os poucos melhores
sempre carregaram a humanidade nas costas”

Luiz Felipe Pondé

RESUMO

O aumento expressivo na utilização da Internet tem sido diretamente vinculado ao uso das redes sociais (*social network sites* – SNSs), consideradas uma forma de comunicação mediada por computadores cujas peculiaridades as tornaram centrais na emergência da Web 2.0. Em decorrência da presença crescente no cotidiano das pessoas, os SNSs têm atraído considerável interesse de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, todavia, dado as características do fenômeno, a pesquisa na área tem sido reconhecida como um desafio não apenas metodológico, mas também teórico. Mediante tais considerações, a proposta do presente estudo consiste em apresentar uma compreensão possível do fenômeno de uso dos SNSs fundamentada no legado teórico de Viktor Frankl como visão de homem e embasada em uma compreensão sistêmica e transacionista dos fenômenos. O levantamento bibliográfico desenvolvido permitiu observar que, além das dificuldades teórico-metodológicas, existe uma dificuldade na própria delimitação do fenômeno, embora haja um reconhecimento generalizado de que o Facebook consiste no modelo ideal daquilo que se tenciona investigar. Considerando-se os pressupostos do presente estudo, as investigações na área podem ser divididas em três níveis em transação: adesão, uso e desenvolvimento. As características axiomáticas de complexidade, instabilidade e transdisciplinaridade dos SNSs evidenciam a necessidade de que as investigações considerem o novo paradigma da ciência. Acrescer um olhar a partir da Análise Existencial de Viktor Frankl permitiu uma compreensão tipicamente humana, resultando na distinção dos SNSs enquanto um fenômeno cuja massiva adesão teria sido o resultado de uma ruptura do dualismo real-virtual, que viabilizou a liberdade com responsabilidade. Com esse movimento, o ciberespaço foi humanizado e os SNSs se revelaram um espaço potencial para a realização de valores, especialmente criativos e vivenciais. Diante da constatação da fecundidade proporcionada pelos pressupostos adotados, espera-se que o presente trabalho possa estimular futuras investigações a partir da base conceitual proposta.

Palavras-chave: Redes Sociais. *Social Network Sites*. Análise Existencial de Viktor Frankl. Pensamento Sistêmico. Transacionismo.

ABSTRACT

The expressive growth of Internet using has been directly linked to the use of social network sites (SNSs), considered a new way of computer-mediated communications whose features setted them in the center of Web 2.0 rise. Due to the growing presence in everyday life, the SNSs has been attracted considerably the interest of diverse research field, however, given the aspects of the phenomenon, inquiries has been recognized not only as a methodological challenge but also a theoretical one. Under these considerations, the aim of this study was to present a possible comprehension of the SNS use phenomena based on Viktor Frankl's theoretical legacy as a view of the men and supported by the a systemic and transacionist comprehension of the phenomena. The bibliographic survey allowed us to observe that, in addition to the theoretical and methodological challenges, there is also a difficult in defining the phenomenon itself, although there is a widespread acknowledgement of the Facebook as the ideal of what one intends to investigate. Considering the assumptions on this study, we divided the research in the field into three levels in transaction: adherence, use, and development. The axiomatic features of complexity, instability, and transdisciplinarity of SNSs highlights the need for investigations considering the new paradigm of science. Adding a view based on Viktor Frankl's Existential Analysis provided a typical human understanding, resulting in the distinction of the SNSs as a phenomenon whose massive membership could be considered resulting from the dualism real-virtual breakdown, which made possible the freedom with responsibility. This movement humanized the cyberspace and the SNSs revealed themselves as a potential space for holding values, especially the creative and experiential ones. Considering the fecundity shown in this study by the adoption of this assumptions, we hope that this work can be capable of stimulate future investigations based on the conceptual support proposed.

Keywords: Social Networking. Social Network Sites. Viktor Frankl's Existential Analysis. Systemic Thought. Transacionism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BACKGROUND	13
2.1 O Novo Paradigma da Ciência	13
2.2 O <i>Homo tridimensionalis</i>	16
2.3 As Transações <i>In e Out</i>	22
3 SOCIAL NETWORK SITES	29
3.1 Delimitando o Fenômeno de Interesse	29
3.2 Uma Perspectiva Contextual	34
3.3 Da Adesão para os Estudos	39
3.4 Do <i>Homo tridimensionalis</i>	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	74
APÊNDICE A	75

1 INTRODUÇÃO

F. é um paciente de 16 anos atendido semanalmente pelo Dr. Logos há cerca de um mês. Sentado, em seu consultório, o Dr. Logos percebe a si mesmo pensando no caso com a atenção específica sobre o uso que seu paciente faz da Internet, especialmente o Facebook, acompanhado da menção às críticas que sua mãe tece acerca do seu uso frequente do computador, que ela considera excessivo. F., por outro lado, se irrita com os comentários dela e diz que sua mãe simplesmente não compreende como a vida social “rola” no Facebook.

Este uso persistente da Internet, bem como os comentários da mãe de F. vem inquietando profundamente o Dr. Logos. O uso que F. faz da Internet é simplesmente frequente ou é excessivo? O que seu paciente poderia estar pretendo comunicar a partir deste uso? Como terapeuta, o Dr. Logos simplesmente não se permite subestimar o potencial de um comportamento perigoso para seu paciente. Em busca de alguma informação esclarecedora, uma vez que a literatura que consultou até hoje não consegue auxiliá-lo o suficiente por fornecer dados que ele considera contraditórios, Dr. Logos começa a pensar nos demais pacientes que atende e os usos que estes fazem da Internet. Como poderia não ter reparado antes? O Facebook está no discurso de praticamente todos os seus pacientes, se não todos, usuários e não usuários.

O comportamento de F., na verdade, se insere em um cenário mais amplo no qual se observa a crescente utilização da Internet, especialmente das chamadas redes sociais, como uma tendência global. Um levantamento realizado pela Pew Research¹ (2014) no primeiro semestre de 2013, objetivou avaliar o uso da tecnologia da Internet móvel em 24 países de economia emergente e envolveu 24.263 pessoas. Neste levantamento, os pesquisadores observaram que, embora a Internet ainda seja pouco acessível nos países emergentes, uma vez que as pessoas conseguem ter acesso a mesma, esta é rapidamente integrada ao contexto de suas vidas. As pessoas

¹ A Pew Research é uma *think tank* estadunidense cujo objetivo é informar o público sobre as tendências, questões e atitudes que modelam a América e o mundo. Para tanto, a instituição conduz sondagens de opinião pública, pesquisas demográficas, análise de conteúdo de mídia e outras pesquisas empíricas em ciências sociais. Informações fornecidas com base na autodescrição acessível na página da instituição em www.pewglobal.org.

que começam a utilizar a Internet tendem a se tornar usuários ávidos, metade ou mais dos usuários, na maioria dos países investigados, afirmaram utilizá-la diariamente.

O mesmo levantamento também permitiu observar que, uma vez que as pessoas têm acesso à Internet, elas tendem a se engajar nas redes sociais. Em 21 das 24 nações, a maioria dos usuários da Internet participa de sites como o Facebook e o Twitter. A forma mais comum pela qual as pessoas disseram utilizar as redes sociais é para manter contato com a família e os amigos. Uma quase universal média de 96% dos usuários de redes sociais de 22 dos países analisados disseram utilizá-la com este propósito. A exposição de opiniões acerca da cultura pop também é frequente, com um média de 73% dizendo que utilizam as redes sociais para postar opiniões sobre músicas e filmes. O levantamento também permitiu revelar que, consistentemente, as taxas de uso da Internet são mais altas entre as pessoas jovens. Em todas as nações consultadas, há lacunas de idade de dígito duplo entre adultos antes dos 30 e aqueles com 50 anos ou mais velhos. E, em 19 países, a lacuna é maior que 30 pontos percentuais.

Com foco no uso excessivo da Internet por seus pacientes, o próprio Dr. Logos, mesmo que não esteja plenamente consciente disso, representa a herança de uma tendência de pensamento que pode estar conduzindo-o a simplificar o fenômeno de uso das redes sociais de modo a compreendê-lo simplesmente em termos de normal ou patológico, de tal modo que este dualismo poderia ser percebido não apenas como seu interesse fundamental, mas o único que a ele efetivamente competiria, fazendo com que ele permaneça cego à outros importantes aspectos do fenômeno.

Como Thurlow et al (2004) mencionam, mesmo que bilhares ainda não sejam proprietários de um computador, o cotidiano das pessoas está sendo transformado pelas novas mídias, tais como a Internet. O que instiga é que há mais na tecnologia do que simplesmente ela em si, se trata da comunicação humana e das transformações nos padrões de interação social que chegam até o cotidiano das pessoas, afetando, conseqüentemente, o próprio homem.

Diante deste panorama, a proposta do presente estudo consiste em apresentar uma compreensão possível, isto é, uma hipótese, do fenômeno de uso dos *social network sites*² (SNSs) fundamentada no legado teórico de Viktor Frankl como visão de homem e embasada em uma compreensão sistêmica e transacionista dos

² Sites de rede social, em tradução livre.

fenômenos. Com esta proposição, a pretensão é de não incorrer em um reducionismo frequente observado na compreensão do uso dos SNSs, que tem sido capaz de suportar muito poucos avanços na área, reconhecendo que seu caráter complexo, instável e transdisciplinar exige propostas investigativas embasadas em novos pressupostos acerca do homem e do mundo.

Para tanto, este trabalho foi dividido essencialmente em dois momentos: um no qual se esclarecem os pressupostos subjacentes a compreensão proposta, isto é, o paradigma sistêmico, a ontologia dimensional frankliana e o transacionismo; e um segundo no qual se delimita o fenômeno de interesse, inserindo-o em contexto mais amplo, é formulada uma compreensão geral das investigações que vem sendo realizadas na área e se discorre acerca da adesão e uso dos SNSs a partir da Análise Existencial de Viktor Frankl.

2 BACKGROUND

2.1 O Novo Paradigma da Ciência

Atualmente, é esperado que a maioria dos cientistas seja capaz de reconhecer que sua prática, isto é, o fazer ciência, envolve aspectos que transcendem o adjetivo “científico” em seu significado mais puro e simples, para envolver uma complexidade maior que remete ao surgimento deste, frequentemente reconhecido na ciência sob o termo “paradigma”. Espera-se que o cientista, portanto, seja capaz de reconhecer que seu fazer envolve crenças sobre aquilo que é científico, bem como aquilo que é passível de tornar-se científico.

Atribui-se à Thomas Kuhn, físico e filósofo estadunidense, a difusão do termo “paradigma” nas ciências mediante a publicação de sua obra intitulada *The Structure of Scientific Revolutions*³, em 1962 (VASCONCELLOS, 2012). Segundo Kuhn (1996) algumas obras na ciência serviram por um tempo, implicitamente, ao propósito de legitimar os problemas e métodos em um determinado campo de pesquisa para as sucessoras gerações de investigadores e foram capazes de fazê-lo por compartilharem duas características essenciais: sua realização foi suficientemente extraordinária para atrair um grupo duradouro de seguidores, afastando-os de atividades científicas potencialmente competidoras, e, concomitantemente, era aberta o suficiente a fim de regalar toda sorte de problemas ao grupo recém-redefinido de cientistas para que fossem solucionados. Aos feitos da ciência que reuniam tais características, Kuhn (1996) optou por denominá-los “paradigmas”.

Entretanto, segundo Vasconcellos (2012) o termo paradigma foi utilizado por Kuhn com diversos sentidos na referida obra e, posteriormente, o próprio autor admitiu a necessidade de revê-los, porém, sustentou que dois deles requeriam serem mantidos: um seria a utilização do termo paradigma enquanto “matriz disciplinar” e o outro seria o emprego do termo enquanto “exemplar”.

Com relação ao primeiro, paradigma seria “uma *estrutura conceitual*, partilhada por uma comunidade de cientistas, e que lhes proporciona modelos de problemas e

³ Em português, a obra foi publicada sob o título “A Estrutura das Revoluções Científicas” pela editora Perspectiva.

soluções” (VASCONCELLOS, 2012, p. 37). A respeito deste sentido, segundo a autora, o próprio Kuhn reconhece que o termo preferível seria teoria. Contudo, uma vez que este já teria significados bem estabelecido na filosofia da ciência, ele sugeriu o termo “matriz disciplinar” como mais apropriado para referir-se ao que fornece regras e padrões de prática. Vasconcellos (2012) menciona que, contudo, tal sugestão não parece ter sido bem aceita, já que se observa correntemente o uso do termo paradigma deformado do sentido de teoria, de modo intradisciplinar. O segundo sentido seria aquele que é utilizado como o sentido por excelência de paradigma na ciência atualmente.

Segundo a autora, Kuhn salienta que qualquer teoria possui em sua fundação pressupostos que nem sempre são devidamente explicitados, havendo um compromisso implícito do cientista com crenças sobre o mundo, bases dos modelos e fornecedoras de analogias e metáforas, e valores amplamente partilhados por uma comunidade de cientistas, suscitadores do sentimento de pertença, que, portanto, moldam a prática científica.

Para este sentido, Kuhn teria proposto a utilização do termo “exemplares”, que também não foi adotado pela comunidade científica. Todavia, Vasconcellos (2012) enfatiza que pelo menos o sentido do termo paradigma foi preservado em seu uso corrente inter ou transdisciplinar, sem as distorções do uso intradisciplinar, no qual há uma clara confusão entre teoria e paradigma.

Partindo da perspectiva de paradigma enquanto “visão ou concepção de mundo implícita na atividade científica” (VASCONCELLOS, 2012, p. 43), a autora afirma que um novo paradigma é emergente na ciência contemporânea em oposição ao paradigma tradicional, reconhecido como newtoniano ou cartesiano. Este paradigma teria três pressupostos que seriam seus eixos estruturantes: complexidade, instabilidade e intersubjetividade, contrastando com os pressupostos de simplicidade, estabilidade e objetividade do paradigma tradicional. Este novo paradigma, a autora reconhece como sendo o pensamento sistêmico.

Embora o pensamento sistêmico tenha surgido notadamente no âmbito das ciências naturais e biológicas, consideradas relativamente bem estabelecidas enquanto conhecimento científico, foi no âmbito das ciências que ainda tentavam encontrar um modo de fazer, isto é, as ciências humanas, que uma mudança paradigmática alçou suas maiores contribuições. O homem enquanto complexidade mais evidente, era o mais desafiador para a sustentar o paradigma tradicional entre

as ciências humanas, entretanto, os cientistas das humanidades teimavam em dissecar o homem para se adequar as proposições do modelo, a fim de alcançar o reconhecimento das demais ciências. Vasconcellos (2012) menciona que, embora tenha sido difícil adotar os pressupostos da simplicidade e da estabilidade do paradigma tradicional, o pressuposto da objetividade foi um desafio à parte para as ciências humanas.

Segunda a autora, foi especialmente a dificuldade com a objetividade que fez com que as ciências humanas começassem reivindicar um *status* epistemológico, bem como um modelo de cientificidade, próprios. A pesquisa qualitativa pareceu atuar como esse lampejo que sinalizava uma necessidade de mudança, tímido, pois, em certa medida, a pesquisa qualitativa esforçava-se para ser merecedora do *status* de ciência da pesquisa quantitativa e, portanto, necessitava manter ou adaptar determinados aspectos que garantiam a pesquisa quantitativa seu reconhecimento. Contraditoriamente, o grito mais desesperado por mudança surgiu no âmbito daqueles que praticavam a pesquisa quantitativa por excelência.

No novo paradigma da ciência, segundo Vasconcellos (2012) seus pressupostos decorrem do reconhecimento das inter-relações existentes entre todos os fenômenos do universo e de que é indispensável observar e lidar com a complexidade do mundo em todos os seus níveis, donde decorre a necessidade de contextualização os fenômenos e a assunção da causalidade recursiva, resultando no pressuposto da complexidade; o reconhecimento de que o mundo é *devir* e, desse modo, é preciso considerar a imprevisibilidade de certos fenômenos, sua irreversibilidade e, conseqüentemente, sua incontrolabilidade, resultando no pressuposto da instabilidade; e o reconhecimento de que não há realidade independente de um observador, o conhecimento científico é uma construção social realizada em espaços consensuais por diferentes observadores, resultando no pressuposto da intersubjetividade.

Ao lidar com um fenômeno como o uso das redes sociais, dado suas peculiares, se evidencia ainda mais a necessidade de adotar uma nova perspectiva de mundo e, conseqüentemente, dos fenômenos que nele se sucedem. Entretanto, o principal foco de interesse no estudo do fenômeno do uso das redes sociais é o homem, de modo que, mesmo o paradigma sistêmico não se revela suficiente, dado sua validade mais global, transdisciplinar, e um olhar mais específico sobre o homem se faz necessário,

intradisciplinar, e, certamente, mantendo sua compatibilidade com os pressupostos sistêmicos.

2.2 O *Homo tridimensionalis*

O homem enquanto objeto de estudo primordial das ciências humanas tem sido fonte frequente de inquietação. Especialmente na psicologia, se multiplicam as abordagens, ou, utilizando-se da terminologia kuhniana, matrizes disciplinares, por meio das quais pretende-se compreender o fenômeno humano. Um aspecto, por vezes problemático, é que muitas de tais matrizes não apresentam uma preocupação clara em delimitar precisamente sua compreensão de homem, seguindo o que comumente se observa na ciência, quando mesmo não se visualiza um consenso claro na definição de homem. Entretanto, segundo Vasconcellos (2012), mesmo que as crenças subjacentes ao fazer científico não sejam clarificadas, estas guiam as percepções e ações do cientista, gerando pontos cegos e fazendo com que muitas relações sejam previamente assumidas como garantidas.

A abordagem logoterapêutica do homem possui uma preocupação essencial com o que Frankl se refere como *imago hominis*, isto é, a imagem de homem. A logoterapia consiste na aplicação prática da Análise Existencial de Viktor Frankl (AQUINO *et al*, 2012), que, portanto, é o que embasa a abordagem. Peter (1999) menciona que é precisamente o fato da logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl tratar-se de uma compreensão psicológica do homem que repousa sobre a filosofia, o que a distingue de outros autores amplamente difundidos no campo da psicologia contemporânea, já que o próprio Frankl não acreditava ser possível formular uma compreensão de homem fora do âmbito filosófico. O fundamento antropológico da logoterapia é tão forte que Pereira (2013) se diz adepto da posição de que o eixo fundamental do sistema teórico da logoterapia reside em sua concepção antropológica.

Frankl (2011) menciona que qualquer psicoterapia, mesmo que não se funde com tal preocupação, possui, essencialmente, dois eixos estruturadores: uma visão de mundo e uma visão de homem. Um aspecto essencial na logoterapia é precisamente a ênfase na delimitação de tais aspectos por Frankl, que atribui notável importância a estes na estrutura teórica de uma abordagem terapêutica. Este aspecto

é tão caro à logoterapia, que um logoterapeuta se distingue fundamentalmente por sua visão de homem característica, muito mais do que por um consenso acerca das técnicas a serem contempladas no contexto terapêutico. É também esta visão que permite ao logoterapeuta possibilidades e compreensões próprias, negligenciadas, ou mesmo ignoradas, em outras abordagens psicoterápicas. Seria algo comparável ao que Vasconcellos (2012) denomina de “efeito paradigma”.

Inspirado pela fenomenologia e pertencendo a uma geração que já havia se preocupado em criticar o paradigma tradicional da ciência, parece ser uma consequência esperada a ênfase que Frankl preconiza sobre a visão de homem que um determinado profissional possui, especialmente se a este corresponder um papel terapêutico. Entretanto, embora muitos teóricos tenham sido igualmente privilegiados, Frankl foi um dos poucos que soube reconhecer adequadamente o valor de tais colocações. Segundo Pereira (2013) Frankl faz da peculiar autonomia da pessoa espiritual, a pedra angular de seu projeto terapêutico.

Diante da importância que atribui a aspectos tipicamente reconhecidos como exclusivos do âmbito filosófico, Frankl (1955) reconhece que seu posicionamento será provavelmente refutado com o argumento de que a psicologia e sua aplicação médica, a psicoterapia, pertencem a realidade da ciência e, portanto, não estariam preocupadas com valores. Todavia, Frankl (1955) sustenta que não há possibilidade de que uma psicoterapia que não se preocupe com valores, esta apenas pode estar cega a eles.

Embora correntemente a logoterapia seja reconhecida como uma abordagem psicoterápica, o próprio Frankl considerou que a logoterapia seria algo para além da psicoterapia, mas que, no entanto, não teria a pretensão de substituí-la, mas antes, complementá-la (FRANKL, 1955). Com esta ideia, Frankl quis destacar que a psicoterapia frequentemente preocupa-se com a dimensão psicológica do homem e uma vez que a logoterapia não apenas reconhece uma terceira dimensão, para além da somática e da psicológica, mas parte dela (FRANKL, 1955), ela seria preponderantemente uma terapia do *logos* (espírito, sentido), daí, logoterapia.

O *Homo tridimensionalis*, termo utilizado apenas aqui e não pelo autor, é justificado por Frankl (1955) no seu artigo intitulado “*The Concept of Man in Psychotherapy*”⁴, no qual esclarece que o homem vive em três dimensões: a somática,

⁴ O Conceito de Homem na Psicoterapia, em tradução livre.

a psicológica e a espiritual. Frankl também critica o psicologismo por situar os fenômenos apenas na dimensão psicológica, ignorando a espiritual, que seria a dimensão que, para Frankl, torna o *Homo sapiens*, humano, muito mais que um conjunto de reflexos fisiológicos ou mecanismos psíquicos. O resultado disso é que muitos fenômenos típicos desta dimensão são reduzidos a epifenômenos de mecanismos psicológicos, tal como a mente já foi considerada um epifenômeno do cérebro. Essa forma de pensar o homem é frequentemente reconhecida como antropologia frankliana.

Todavia, o *Homo tridimensionalis* não era uma abordagem completamente nova e o próprio Frankl (2011) mencionou que este mesmo reconhecimento já havia sido delineado por Hartmann e Scheler. O diferencial de Frankl com relação aos referidos autores é que, como ele mesmo menciona, tal qual eles, Frankl reconhece as diferenças ontológicas entre mente, corpo e espírito, porém, ele também se preocupa com o reconhecimento do homem enquanto unidade antropológica.

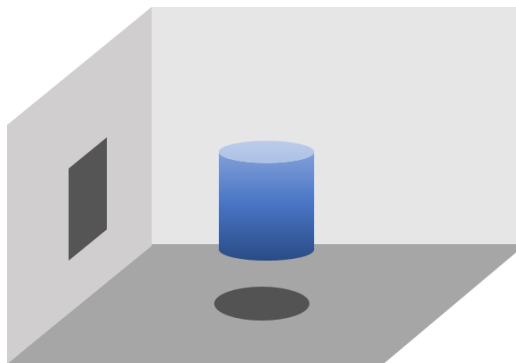
Segundo Frankl (2011) sua antropologia tem um entendimento do homem fundamentado no conceito de dimensão em uma perspectiva geométrica, que é proposta em oposição às concepções que pensam o homem em termos de camadas (Hartman) ou estratos (Scheler), baseados em uma perspectiva que sugere que o homem possa ser compartimentalizado e assim se separar cada uma das dimensões humanas, como proporia um modelo cartesiano-fundamentado. A este modo peculiar de perceber o homem, Frankl denominou ontologia dimensional e a estruturou a partir de duas leis.

Segundo Palma (1976) na perspectiva de Frankl, uma análise em multiníveis, ou multidimensional, utilizando-se da própria terminologia frankliana, emergiu do caráter complexo e multidimensional do homem e de sua existência. Tal análise consiste, mais precisamente, em observar o homem de diferentes ângulos ou perspectivas de acordo com as variadas dimensões do homem e de sua existência, o que não representa, necessariamente, um entendimento de que estas seriam efetivamente separáveis. Para Frankl, as dimensões seriam análogas a projeção de um objeto em planos, desse modo, a análise multidimensional não emerge ou simplesmente reflete uma divergência de perspectivas, isto é, ângulos de visão diferenciados (PALMA, 1976).

A primeira lei da ontologia dimensional rege que “quando um mesmo fenômeno é projetado de sua dimensão particular em dimensões diferentes, mais baixas do que

a sua própria, as figuras que apareceram em cada plano serão contraditórias entre si” (FRANKL, 2011, p. 34). Para melhor compreensão desta lei, além de uma imagem ilustrativa, conforme observa-se na figura 1 (abaixo), Frankl se vale do exemplo do copo que, para melhor compreensão, será aqui apresentado com algumas modificações em relação ao texto original do autor.

Figura 1. Representação da Primeira Lei da Ontologia Dimensional



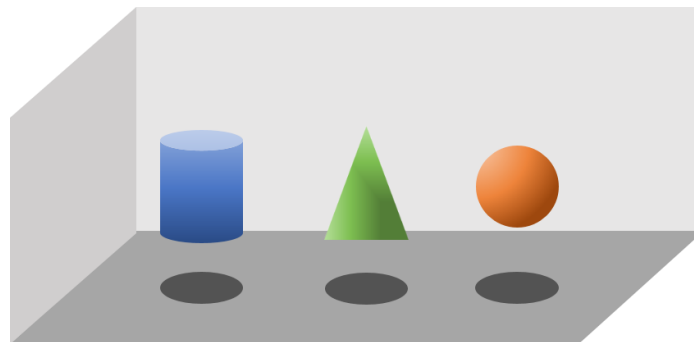
Fonte: Elaboração própria com base em Frankl (2011, p.34).

Se tomarmos um copo perfeitamente cilíndrico e uma lanterna e segurarmos o copo sobre uma mesa, ao colocarmos o feixe de luz da lanterna sobre o copo, o que veremos na mesa é a projeção da sombra do copo representada por um círculo. Entretanto, caso em lugar de direcionar o feixe de luz para o topo do copo, o direcionássemos para a lateral do mesmo, o que observaríamos na parede seria a sombra do copo representada por um retângulo. O que Frankl (2011) salienta nestes termos é que as sombras obtidas são contraditórias entre si e que, separadamente, nada revelam sobre o objeto e podem induzir ao erro, uma vez que podemos pensar inclusive que o objeto ao qual pertence à sombra corresponde a um objeto completamente sólido e não vazado, o que não corresponde, em se tratando de um copo.

A respeito das aparentes contradições existentes no entendimento de um dado fenômeno, Vasconcellos (2012) menciona que o pressuposto da complexidade no novo paradigma da ciência, permitiu assumir a real complexidade dos fenômenos, de modo que as contradições se revelaram resultado de uma tentativa de simplificá-los, o que Frankl traduziu como uma compreensão situada em uma dimensão mais baixa que a sua própria e que, portanto, isoladamente, resulta inconsistente.

A segunda lei da ontologia dimensional rege que “quando diferentes fenômenos são projetados de suas dimensões particulares em uma dimensão diferente, mais baixa que a sua própria, as figuras que aparecerem em cada plano serão ambíguas” (FRANKL, 2011, p. 35). Neste sentido, retomemos o exemplo do copo. Caso observássemos apenas uma sombra do copo, seja a da parede ou a da mesa, poderíamos atribuir a sombra a qualquer outro objeto que não o copo, resultado do que Frankl denomina de isomorfia, conforme demonstra a figura 2 (abaixo).

Figura 2. Representação da Segunda Lei da Ontologia Dimensional



Fonte: Elaboração própria com base em Frankl (2011, p.34).

Dessa forma, o que é dedutível é que, olhando apenas as projeções, perdermos de vista o objeto em todas as suas características, sua totalidade, seja a abertura, como no caso do copo, ou mesmo as cores, como no caso das figuras 1 e 2, não presentes nas representações esquemáticas originais de Frankl.

Segundo Frankl (2011) se projetarmos o homem apenas no plano biológico ou psicológico, também obteremos resultados contraditórios porque no primeiro caso teremos o organismo biológico e, no segundo caso, o mecanismo psíquico. Desse modo, o homem será compreendido de uma forma díspar se olharmos apenas para os planos biológico e psíquico. A ideia de Frankl consiste em olhar para o homem em uma dimensão que lhe é própria, esta é a dimensão noológica e é em nível desta que inexistem as contradições entre os planos biológico e psíquico, pois apenas esta é capaz de revelar do homem a singularidade que lhe é própria. Frankl tenta, mediante a proposta deste modelo, uma superação do dualismo cartesiano mente-corpo. Neste sentido, a dimensão noética, é também uma dimensão integradora.

Palma (1976) salienta que Frankl investe uma atenção considerável as dimensões psíquica e somática da existência humana e sustenta que o homem é

condicionado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, entretanto, é a dimensão espiritual, ou noológica, que constitui a unicidade ontológica do homem.

Aqui, se faz necessário enfatizar que Palma menciona que a abordagem frankliana inclui fatores sociais, uma vez que, de fato, Frankl os menciona, embora não se detenha neles. O fato de Frankl enfatizar um olhar do homem em seu aspecto individual, não significa uma negação do social, apenas reflete que o pensamento advém de um psiquiatra preocupado com um fazer terapêutico. Pensar desta forma, significaria reforçar a dualidade indivíduo-sociedade, geradora de discussões acaloradas especialmente no âmbito da psicologia social. Frankl não precisa mencionar, se para ele, o social já está lá, no próprio indivíduo, não há dualidade. Isto se torna claro quando observamos que Frankl menciona três dimensões (somática, psíquica e noológica) que comporiam uma estrutura básica para o homem e que existem três tipos de condicionantes (biológicos, psicológicos e sociais) envolvidos nesta estruturação. Desse modo, não faz sentido pensar uma dimensão social no indivíduo se o social já está necessariamente incluso nesta estruturação e expressa seus traços tanto no psíquico quanto na dimensão somática, um tipo de articulação que já sinaliza um pensamento calcado na complexidade.

A única negação explícita de Frankl acerca do social diz respeito ao determinismo, tal como o faz também quando se trata deste advindo das dimensões biológica e psíquica. Não há determinismo noético, uma vez que podemos pensar esta como a dimensão da complexidade, não sendo maculada pelo reducionismo.

Frankl (2011) vai além e propõe que a ontologia dimensional oferece uma superação do determinismo, uma vez que esclarece porque se compreendermos o homem ou no plano biológico ou no psicológico este parece não possuir liberdade para escolher, decidir. Nestes planos, o homem emerge como um ser fechado e não aberto, como de fato é, tal qual o exemplo do copo, por isso a dimensão noológica é denominada a dimensão de abertura do homem.

Palma (1976) menciona que, mesmo que não seja evidenciado por Frankl na ontologia dimensional, é patente que sua análise existencial apresenta, no mínimo, outras duas dimensões que o autor reconhece: a dimensão temporal/histórica e dimensão contextual/situacional. Segundo Palma (1976) o tempo desempenha um papel fundamental na análise existencial frankliana, de modo que a dimensão temporal possui seu caráter ontológico e a dimensão contextual/situacional

corresponde uma preocupação de Frankl em conhecer e descrever o ambiente no qual o homem com tal encontra-se situado.

Segundo Frankl (2011) o novo olhar proposto pela logoterapia de modo algum invalida o behaviorismo watsoniano, o reflexologismo pavloviano, a psicanálise de Freud ou a Psicologia Individual de Adler, por outro lado, acresce a estas proporcionando um olhar situado em uma dimensão superior e especificamente humana, que, como consequência, é capaz de uma fornecer um olhar propriamente humano. Como Frankl alerta, quando o termo superior é empregado não carrega significado correspondente a valorização maior em detrimento dos demais, mas é uma forma de referir-se a uma dimensão mais inclusiva e abrangente, sua pretensão é a de que a logoterapia possa complementar o conceito de homem, a fim de formar uma imagem mais completa, uma completude que inclui a dimensão espiritual (FRANKL, 1955, 2011).

2.3 As Transações *In e Out*

A ontologia dimensional compreende o homem como um fenômeno tridimensional, porém enfatiza que, não há separação real entre as dimensões. Entretanto, uma vez que as dimensões foram estabelecidas, se supõe que a ideia de integralidade entre elas seja preservada por meio do artifício das “relações”. Seria dizer que as relações preservam a conectividade entre as dimensões delimitadas. Enquanto artifício, certamente que se faz necessário cuidado ao pensar como se dão tais relações. Entretanto, o próprio Frankl não se debruça acuradamente sobre as relações em si, seu foco maior é a delimitação das dimensões, especificamente a noética. Todavia, o que se mencionou até agora, foram as supostas relações *in*, o indivíduo ainda encontra-se em relação efetiva e constante com o ambiente (*out*).

A relação entre os fenômenos preconizada pela ciência moderna foi, sem dúvida, a relação de causalidade, com aspectos bem peculiares. Segundo Vasconcellos (2012) na forma tradicional da pesquisa científica refletir sobre o mundo, há uma crença implícita de causalidade linear. Segundo a autora, entretanto, a visão de causalidade não é simplesmente de uma causalidade linear, mas de uma causalidade linear unidirecional. Isso significa que apenas se pode aceitar como causa de um fenômeno observado algo que tenha se passado anteriormente a este ou, no máximo,

que lhe seja concomitante. Não é possível admitir como causa para o fenômeno de interesse um evento que ainda não aconteceu, a causa sempre antecede seu efeito. Essa visão, entretanto, obscurece as relações existentes entre todos os fenômenos, uma vez que a ideia era focar no fenômeno de interesse, ademais a perspectiva sobre o fenômeno foi estreitada, obtendo-se uma visão deste centrada em relações de causa e efeito.

Todavia, como Vasconcellos (2012) menciona, foi precisamente a ênfase da ciência moderna na descoberta de causas eficientes permitiu uma aplicabilidade das descobertas de modo tal que permitiu atingir o objetivo de produzir efeitos, manipular os fenômenos e promover mudanças no mundo. Entretanto, para maiores avanços, os limites desta forma de pensar não podem mais ser ignorados.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, emergiu nas ciências humanas o modelo S-R (*stimulus-response*⁵) como base explicativa para os fenômenos. Embora tenha sido capaz de produzir resultados frutíferos por um tempo, segundo Lazarus (1993), as pesquisas começaram a demonstrar cada vez mais que os estímulos não produziam respostas confiáveis, previsíveis, mesmo em um nível fisiológico e, desse modo, tornou-se cada vez mais evidente que este modelo era insuficiente, reducionista.

Segundo Aldwin (2007) o funcionamento do modelo reducionista é baseado no dualismo cartesiano, no qual assume-se a perspectiva da causalidade linear. As ciências psicológicas acabaram por imitar o reducionismo fisiológico, expresso na máxima de que a mente seria um epifenômeno do cérebro, mantendo o dualismo mente-corpo. Entretanto, segundo a autora, tornou-se progressivamente evidente que este tipo de percepção de causalidade seria insuficiente para a explicação de diversos fenômenos, o que conduziu a uma substituição dos modelos de causalidade linear para modelos de complexidade crescente.

Segundo Lazarus (1993) um problema crucial com o modelo S-R é que ele ignora as diferenças individuais, que apenas funcionam bem como desvios até certo ponto. Coincidindo com o desenvolvimento científico interdisciplinar na época, sua ênfase gradual na relação entre sistemas e a importância do contexto no qual um fenômeno ocorre (LAZARUS; FOLKMAN, 1968), uma concepção baseada no modelo S-O-R

⁵ A terminologia frequentemente empregada na literatura em língua portuguesa é “estímulo-resposta”.

(*stimulus-organism-response*⁶) emergiu, considerando uma relação do sujeito com a realidade diferente do que tinha sido cogitado até então e que passava por uma mediação cognitiva (LAZARUS, 1993). Este modelo evidenciou que a ideia de causalidade linear definitivamente não se aplicava às ciências humanas.

Aldwin (2007) menciona que a mudança paradigmática que vivenciamos pode ser representada como uma transição do reducionismo causal para o transacionismo. Segundo a autora, de forma simples, no reducionismo causal a ocorrência de um evento é reduzida a sua causa subjacente, enquanto que no transacionismo a ocorrência de um evento é compreendida como uma emergência resultante da mútua influência de diversos fatores. Ademais, a autora menciona que a adoção do transacionismo nos estudos em estresse foi de crucial importância para o avanço na área, sendo inclusive o que possibilitou o reconhecimento do fenômeno de *coping*.

O transacionismo, ou modelo transacional, foi introduzido na literatura por Dewey e Bentley (1949). Os autores reconhecem três níveis na organização e apresentação das investigações, por eles denominadas: auto-ação, inter-ação e trans-ação.

A auto-ação corresponde ao momento no qual os fenômenos do mundo eram vistos como atuando graças às forças inerentes a estes. Corresponde ao estágio mais primitivo do conhecimento, sendo considerada posteriormente, pelas demais gerações, como conjecturas simplórias, reduzida ao *status* de ingenuidade.

A inter-ação corresponde ao momento no qual os fenômenos eram equilibrados uns contra os outros em interconexão causal. Foi o padrão dominante em termos de procedimento ao longo da história da ciência. A fim de evitar mal-entendidos, os autores apresentam uma subclassificação dos principais tipos de procedimentos que podem ser avaliados como interações. Nestes, os autores consideram quatro categorias: (1) os sistemas formulados independentemente que funcionam eficientemente, como a mecânica newtoniana; (2) os segmentos de uma pesquisa separados de modo interacionista para conveniência do estudo, porém com o reconhecimento subjacente de que seus resultados estariam sujeitos a reinterpretação em sistemas mais amplos de descrição; (3) os abusos de pensar sistemas independentemente mesmo depois das considerações de Einstein, no sentido de forçar todo o conhecimento a fim de torná-lo susceptível ao controle mecânico dos sistemas newtonianos; (4) e, por fim, os abusos ainda mais grosseiros,

⁶ A terminologia frequentemente empregada na literatura em língua portuguesa é “estímulo-organismo-resposta”.

nos quais ocorrem misturas de entidades em auto-ação e partículas interacionistas, utilizados para produzir explicações e interpretação *ad libitum*.

Segundo os autores, a trans-ação, por outro lado, corresponde ao momento no qual os sistemas de descrição e nomeação empregados são feitos com o propósito de lidar com os aspectos e fases da ação, entretanto, não há a atribuição final de “elementos” ou outras partes presumivelmente destacáveis, ou de entidades, essências ou realidades independentes, nem o isolamento das relações presumivelmente destacáveis dos elementos delimitados.

Ao situar a transação no final do desenvolvimento, a ideia dos autores foi demonstrar uma hierarquia mais limpa em termos de uma forma crescente de eficiência elevada, avançando à proeminência na evolução do conhecimento. Entretanto, não é sua pretensão afirmar que a transação é o que, de fato, existe, no sentido de correspondência ao real.

Conforme Aldwin (2007) menciona o modelo transacional busca superar o reducionismo, ou mesmo o interacionismo, na compreensão das relações mente-corpo e pessoa-ambiente. Segundo a autora, no interacionismo há a possibilidade de que dois fatores possam gerar um dado fenômeno, porém estes são tratados como independentes e imutáveis, diferentemente do modelo transacional. Neste, admite-se que mais de um fator possa estar envolvido na causalidade de um fenômeno, mas que estas variáveis não são independentes entre si e podem ser mutuamente afetadas pela transação, isto é, para além das variáveis serem capazes de interferir em um dado fenômeno, elas também interferem uma na outra. Neste sentido, a autora reconhece dois importantes pressupostos do modelo transacional, especialmente para a psicologia: primeiro, as variáveis influenciam-se mutuamente, em cada nível e entre os níveis, e, segundo, a perspectiva de que o foco de qualquer transação é a mudança.

O primeiro pressuposto permite admitir que se a mente e o corpo estão em transação, sendo regulados pelo cérebro, então os sistemas fisiológicos estão sujeitos à influência da mente e de tudo que a afeta, isto é, a sociedade e a cultura. Dessa forma, diferentes níveis de análise, sociocultural, psicológico e biológico estão conectados. Mediante tal consideração, se observa que o modo como uma dada cultura ou sociedade encontram-se estruturada tem implicações diretas para o bem-estar fisiológico de um indivíduo, o que tem importantes implicações para as pesquisas (ALDWIN, 2007).

Para além de ser uma forma de pensar os fenômenos na sua teia de relações, entendidas enquanto transações, o modelo de Dewey e Bentley (1949) também propõe uma metodologia para abordá-los. Segundo os autores, a investigação transacionista é uma pesquisa que abrange, mediante observação primária, todas as disciplinas que apresentam o fenômeno de interesse e prossegue, com liberdade, em direção a redeterminação e renomeação dos objetos compreendidos em um sistema. Também corresponde a um tipo de pesquisa na qual as descrições existentes para os eventos são aceitas apenas enquanto tentativa ou preliminares, de modo tal que novas descrições dos aspectos e fases dos eventos, seja de forma mais ampla ou estreita, pode ser livremente feita em qualquer um ou mesmo todos os estágios da pesquisa.

Desse modo, é evidente que a perspectiva das relações *in* e *out* enquanto transações, a partir da proposta do modelo transacional, se revela consideravelmente frutífera para a investigação do fenômeno de interesse no presente estudo, conjuntamente com a ontologia dimensional e o pensamento sistêmico.

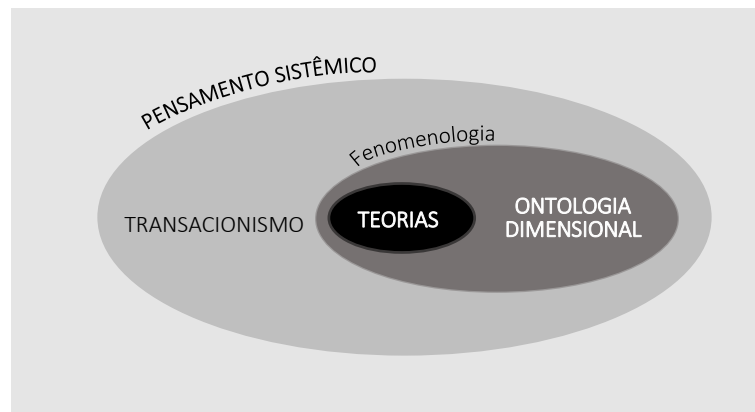
Na elaboração de uma síntese dos diferentes paradigmas, em seu sentido mais amplo, subjacentes à presente proposta investigativa, se utilizou como referência as considerações kuhnianas, conforme citadas por Vasconcellos (2012), uma vez que este se propôs a pensar mais acuradamente as diferenças existentes entre os conjuntos de pressupostos que embasam a prática científica em diversos níveis. O diagrama 1 (página 27) representa uma organização possível para os conjuntos de pressupostos do presente estudo.

Na elaboração diagramática, houve um claro problema de delimitação do conjunto de pressupostos mais amplo. Conforme observa-se anteriormente, Vasconcellos (2012) reconhece o novo paradigma enquanto o pensamento sistêmico e, por outro lado, Aldwin (2007) afirma que a transição para o transacionismo seria o que se denomina de mudança paradigmática emergente na ciência contemporânea. Após análise mais acurada, entende-se aqui que o pensamento que poderia ser considerado mais abrangente é, efetivamente, o sistêmico. Dois aspectos observados conduziram a tal conclusão.

Primeiro, o transacionismo implica uma série de pressupostos, mas seu foco maior é uma abordagem transacional aos fenômenos, algo mais próximo da estrutura conceitual que proporciona modelos de problemas e soluções, utilizando-se da delimitação kuhniana, desse modo, o transacionismo se aproximaria mais de uma

matriz disciplinar do que de um exemplar. Note-se que o termo utilizado é aproximar-se, não significa que o pensamento tenha sido considerado como tal, mas que isto foi um parâmetro utilizado para a solução do problema transacionismo-sistêmica na representação diagramática.

Diagrama 1. Representação, em Termos de Abrangência, dos Pressupostos Utilizados na Abordagem do Fenômeno dos SNSs.



Fonte: Elaboração própria, com base na teoria de conjuntos, para fins do presente estudo.

Segundo, que a sensação é claramente de que o transacionismo está contido na sistêmica, embora, no presente estudo, não tenha sido observada tal menção em nenhuma das literaturas consultadas. Ao apresentar sua proposta transacionista, Dewey e Bentley (1949) afirmam claramente que a ideia de transações baseia-se em uma nova visão dos fenômenos na ciência e, esta visão, inclui os mesmos pressupostos da sistêmica, embora esta não tenha sido mencionada em seu trabalho, bem como a historicidade implícita neles.

Na representação, aparentemente, há no mínimo dois elementos adicionais ao que se apresentou até o momento, que seriam a fenomenologia e as teorias. A inclusão da primeira se fez necessário dado o fato de que o pensamento frankliano claramente encontra-se incluso na fenomenologia, sendo impossível ignorar esta relação. A fenomenologia foi um pensamento que surgiu como oposição ao que vinha se fazendo nas ciências de um modo geral e que tece uma série de críticas ao modo como se abordava a “realidade” até então (HUSSERL, 2012), questionando aspectos da ciência como a racionalidade e relação de conhecimento entre sujeito e objeto.

É pertinente mencionar que o pensamento sistêmico e a fenomenologia não têm se demonstrado incompatíveis, uma discussão mais profunda sobre tal aspecto não

foi tratada aqui, entretanto, em termos exemplificativos, Lantz se utiliza de uma união da Terapia Familiar Sistêmica com a Logoterapia (Lantz, 2001) e Ticha (2007) demonstra como a Gestalt Terapia utilizou-se de ambas, a sistêmica e a fenomenologia, na compreensão do homem.

É importante observar que tanto a fenomenologia quanto a ontologia dimensional frankliana poderiam ser consideradas matrizes disciplinares, com uma ressalva acerca da segunda. A fenomenologia é bem mais difundida intradisciplinarmente, por outro lado, a análise existencial de Frankl não tem igual eficiência difusora, apesar do seu potencial de aplicabilidade mais amplo, se encontra no cerne de uma abordagem psicoterápica, o que provavelmente já dificulta sua apropriação por outras, que podem sentir que, com essa ação, dado a competição que ainda se observa, sua própria abordagem seria enfraquecida, embora, conforme descrito anteriormente, o propósito de Frankl fosse exatamente o contrário. Entretanto, minha experiência pessoal em congressos tem demonstrado que alguns profissionais de outras abordagens têm integrado, à sua prática, a ontologia dimensional, por acreditarem que esta lhes proporcionou uma visão mais completa do homem.

O segundo elemento adicional, “teorias”, se refere àquelas teorias que mediarão a relação com o fenômeno de interesse no presente estudo e que sempre são evidenciadas nas pesquisas, com a designação convencional de “fundamentação teórica”. Estas sempre parecem ser mais evidentes para os cientistas como delimitadoras do seu foco sobre o fenômeno. Reconhecendo que as teorias são desenvolvidas no âmbito de paradigmas específicos, é previsível que entre tais teorias estejam com estruturas possivelmente incompatíveis com os pressupostos aqui apresentados. Entretanto, o transacionismo confere liberdade o suficiente para uma releitura a fim de adequação em um sistema mais amplo, uma vez que o paradigma tradicional desconecta os fenômenos de sua teia de transações.

Uma separação do conjunto do pensamento sistêmico do espaço maior no qual está contido foi proposital, a fim de demonstrar que o conhecimento científico encontra-se circunscrito a abordagem escolhida do mundo e que, portanto, não poderia ser o conjunto universo.

3 SOCIAL NETWORK SITES

3.1 Delimitando o Fenômeno de Interesse

Não tem havido uma distinção clara, e pertinente em termos de investigação científica, dos espaços na rede mundial de computadores usualmente reconhecidos entre a população geral como “redes sociais”. Segundo Panek et al (2013) enquanto que se observa uma concordância entre os estudiosos acerca da importância de investigar os usos e efeitos das redes sociais, não há consenso que permita reconhecer uma definição clara ou critérios de delimitação para este objeto de estudo. Uma vez não possuindo delimitação precisa, os autores mencionam que não é surpreendente que também haja falta de consenso inclusive sobre como mensurar o uso.

Como consequência de tais dificuldades, são observados alguns problemas na literatura acerca do tema. Panek et al (2013) mencionam que a maioria dos estudos por eles examinados utilizaram o Facebook como modelo para generalizar os achados para as demais redes sociais, entretanto, uma vez que não se tem uma clara definição do objeto, é bastante questionável até que ponto é possível extrapolar os resultados obtidos, o que muitas vezes inclui serviços com características que os afastam em menor ou maior grau do Facebook.

Uma vez que o conhecimento científico é cumulativo, tais extrapolações podem conduzir a acumulação de problemas em cadeia nos estudos envolvendo o objeto. Nesse sentido, os estudos de Cheung e Lee (2010) e Cheung et al (2011) são exemplificativos. Em tais estudos, os autores se utilizam do modelo proposto no estudo de Dholakia et al (2004). Os autores reconhecem o estudo de Dholakia et al (2004) como um dos pioneiros que adotaram a teoria dos usos e das gratificações para explicar porque os indivíduos participam em comunidades virtuais e o utilizam na investigação com redes sociais, como resultado de um processo dedutivo implícito, uma vez que as redes sociais seriam comunidades virtuais.

Entretanto, Dholakia et al (2004) reconhecem dois tipos de comunidades virtuais especialmente relevantes para o campo de estudos em marketing e que obteve suporte nos resultados de pesquisa por eles obtidos no estudo realizado: *network-*

*based*⁷ e *small-group-based*⁸. Os autores definem as *network-based* enquanto uma comunidade especializada, geograficamente dispersa, baseada em uma rede de relacionamentos estruturada, relativamente esparsa e dinâmica de usuários que compartilham um foco comum. Neste tipo, os usuários aderem ao serviço por interesse no tema abordado, mas não possuem qualquer expectativa ou inclinação para encontrar ou comunicar-se com qualquer indivíduo em particular da comunidade. As *small-group-based*, por outro lado, são aquelas comunidades constituídas por indivíduos com uma densa teia de relações, interagindo conjuntamente online como um grupo a fim de realizar uma ampla gama de objetivos concebidos conjuntamente e para manter as relações existentes. Os autores consideram que são comunidades virtuais porque o encontro ocorre por meio de localidades online em uma proporção significativa das interações totais enquanto grupo.

Desse modo, pela definição dos autores, tomando o Facebook como modelo, as redes sociais não seriam comunidades virtuais, ou pelo menos não considerando as definições mais antigas, embora as comunidades virtuais também possam ser consideradas uma forma de comunicação mediada por computadores, pertencendo a um mesmo macrotipo de fenômeno. Todavia, tem se tornado cada vez mais evidente que as redes sociais possuem uma especificidade própria. Ademais, posteriormente, serão fornecidos argumentos adicionais de porquê não seria pertinente uma aproximação das redes sociais de comunidades virtuais na definição de Dholakia et al (2004). Isso não significa necessariamente que o modelo proposto pelos autores não seria passível de utilização no estudo das redes sociais, mas sim que deve haver maior precaução e considerações a este respeito.

A falta de consenso repercute inclusive na denominação do objeto de estudo, no qual observa-se uma dispersão maior na literatura internacional. Esta consideração não implica que haja maior consenso na literatura nacional, o que ocorre é que não se observa uma preocupação em delimitar um termo específico para o objeto de estudo. Na literatura em inglês, o problema é mais evidente, pois o termo *social networks* já existe na literatura científica e dentro de uma mesma disciplina de interesse (SMITH; CHRISTAKIS, 2008). Como alternativa, há pelo menos três termos mais frequentes empregados claramente para referir-se ao mesmo objeto de estudo: *online social network* (BENEVENUTO et al, 2012; CHEUNG; LEE, 2012), abreviado

⁷ Em tradução livre, baseadas em rede.

⁸ Em tradução livre, baseadas em pequeno grupo.

como OSN; *social networking site* (LIN; LU, 2011; AHMAD, 2011; BERGMAN et al, 2011; DEWALL et al, 2011; PEMPEK et al, 2009; ROSS et al, 2009; RYAN; XEON, 2011; MOORE; MCELROY, 2012; GENTILE et al, 2012; LEUNG, 2013; PANEK et al, 2013), abreviado como SNS; e *social network site* (AMICHAH-HAMBURGUER; VINITZKY, 2010; ZHONG et al, 2011; BICEN; CAVUS, 2010), também abreviado como SNS. Ainda há estudos, como Cheung et al (2011), nos quais os autores utilizam os três termos como sinônimos sem uma preferência clara, de modo que os termos são alternados ao longo do trabalho.

Uma consideração a ser feita a este respeito é que as divergências na denominação do objeto dificultam consideravelmente a pesquisa de cunho bibliográfico, uma vez que requerem a utilização de várias palavras-chave para acessar os estudos referentes a um mesmo objeto, o que pode inclusive, dado a multiplicidade de termos utilizados, reduzir a probabilidade de encontrar determinados estudos. Também a utilização de uma designação idêntica à de outros objetos de estudo gera ambiguidades, desse modo, é evidente a pertinência de delimitação para o objeto de estudo redes sociais.

Uma possível solução para o problema foi proposta no artigo de boyd e Ellison (2007), no qual as autoras se preocupam em delimitar precisamente esse objeto de estudo, optando por denominá-lo *social network site* em detrimento de *social networking sites*, não se observa menção ao termo *online social network*. As autoras definem um SNS como um serviço baseado na web que possibilita aos seus usuários: (1) a construção de um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado; (2) a articulação de uma lista de outros usuários com os quais compartilhar uma conexão; e, por fim, (3) a visualização e o cruzamento de sua lista de conexões com aquelas produzidas por outros usuários dentro do sistema. Algumas investigações posteriores adotaram a proposta das autoras como referência, entretanto, em outros trabalhos não se observa menção alguma ao estudo. Benevenuto et al (2012) chegam inclusive a dividir os OSNs essencialmente em dois grupos: aqueles de redes de profissionais e contatos e aqueles para compartilhamento de conteúdo.

Segundo Panek et al (2013) pela delimitação de boyd e Ellison (2007), websites, aplicativos online, ou mesmo serviços de mensagem, muito populares, embora promovam a formação de conexões sociais online, não permitem aos seus usuários a manutenção de perfis de modo tão pessoal e interativo como o Facebook e, desse modo, não seriam consideradas SNSs na acepção de boyd e Ellison (2007). O que

acontece com a não adoção mais consensual do modelo dos autores é que tais serviços são incluídos em muitas investigações e excluídos de outras e, nas que são inclusos, acabam sendo tratados como semelhantes ao Facebook e considerados funcionalmente equivalentes (PANEK et al, 2013). A tabela 1 (abaixo) expressa os serviços presentes na Internet que são referidos como exemplos de SNSs pelos

Tabela 1. Serviços Baseados na Web Considerados Exemplos de SNSs na Literatura Consultada

SITE	DOMÍNIO	ESTUDOS
Facebook	facebook.com	Ahmad (2012)** Amichai-Hamburguer e Vinitzky (2010) Anderson et al (2012) Bergman et al (2011) Bicen e Cavus (2010)** Buffardi e Campbell (2008) Cheung e Lee (2012) Cheung et al (2011) Davenport et al (2014) DeWall et al (2011) Ellison e boyd (2013) Hongladarom (2011) Kalpidou et al (2011) Lee e Chiou (2013) Lin e Lu (2013) Livingstone (2008) Mehdzadeh (2010) Moore e McElroy (2012) Panek et al (2013) Park et al (2009) Pempek et al (2009) Raacke e Bond-Raacke (2008) Ross et al (2009) Ryan e Xenos (2008) Steinfeld et al (2008) Zhong et al (2011)
MySpace	myspace.com	Ahmad (2012) Bergman et al (2011) Bicen e Cavus (2010) Buffardi e Campbell (2008) Cheung e Lee (2012) DeWall et al (2011) Lee e Chiou (2013) Lin e Lu (2013) Livingstone (2008) Mehdzadeh (2010) Panek et al (2013) Park et al (2009) Pempek et al (2009) Raacke e Bond-Raacke (2008) Zhong et al (2011)
Twitter	twitter.com	Ahmad (2012) Ellison e boyd (2013) Davenport et al (2014) Hongladarom (2011) Zhong et al (2011)
Friendster	friendster.com	Buffardi e Campbell (2008) Livingstone (2008) Lin e Lu (2013) Pempek et al (2009)
Bebo	bebo.com	Ahmad (2012) Livingstone (2008) Pempek et al (2009)
LinkedIn	linkedin.com	Cheung e Lee (2012) Zhong et al (2011)
Orkut	orkut.com*	Ahmad (2012) Bicen e Cavus (2010)
Hi5	hi5.com	Ahmad (2012) Bicen e Cavus (2010)
Bharatstudent	bharatstudent.com	Ahmad (2012)
Foursquare	foursquare.com	Ellison e boyd (2013)
LiveJournal	livejournal.com	Pempek et al (2009)
Windows Live Spaces	spaces.live.com*	Bicen e Cavus (2010)

* Serviços atualmente descontinuados.

Fonte: Elaboração própria a partir dos estudos consultados na presente investigação. A sequência de apresentação foi estipulada a partir da frequência de aparição nos estudos; quando esta foi equivalente, o critério utilizado foi a ordem alfabética.

estudos consultados. É pertinente salientar que foram mencionados apenas os estudos consultados que claramente referiram-se aos domínios descritos como exemplos de SNSs. Os casos em que SNSs foram mencionados como parte de um levantamento histórico foram excluídos.

Em 2013, boyd e Ellison publicaram uma revisão da delimitação inicialmente por elas proposta. Ellison e boyd (2013) ainda consideram o termo *social network sites* como o mais apropriado em relação a outros termos por elas agora mencionados: *social networks*, *social networking*, *online social networks* e, o que já havia sido mencionado no estudo de 2007, *social networking sites*. Embora mantenha a designação, a conceptualização dos SNSs foi revista para uma que as autoras consideraram mais acurada para o cenário dos SNSs hoje. Desse modo, Ellison e boyd (2013) definem um SNS enquanto uma plataforma de comunicação em rede na qual os usuários: (1) possuem perfis identificáveis únicos que consistem de um conteúdo fornecido pelo usuário, por outros usuários e/ou dados fornecidos pelo próprio sistema; (2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e percorridas por outros usuários; e (3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdos gerados pelos usuários proporcionados por suas conexões no site. A diferenciação mais evidente entre esta definição e a anterior é que esta inclui a produção de conteúdos pelos usuários, aspecto não enfatizado pela definição anterior.

Segundo Ellison e boyd (2013) o termo *social network site* evidencia que são sites que permitem ao indivíduos articular uma lista pública de conexões, apresentando uma rede social e possibilitando a visualização da de outros usuários. Para as autoras, é isto que diferencia os SNSs de espaços anteriores de interação online, e a utilização de *network* em lugar de *networking* enfatiza o papel da rede em si, em lugar da ação.

Considerando que o que tem impressionado na literatura é precisamente que, embora outros serviços possam ser amplamente designados como redes sociais, nenhum destes conseguiu obter adesão massiva como o Facebook, o que se leva a crer que o modelo representado pelo Facebook de fato possui algo que o diferencia de outras comunicações mediadas por computador e, dado a variedade estrutural que estas podem apresentar, será utilizada a definição de Ellison e boyd (2013) na abordagem do fenômeno. Acredita-se que tal posição permitirá preservar uma

significativa especificidade, que se adequa melhor a proposta do presente estudo, e também considerada mais apropriada para as investigações na área em geral. Ademais, a definição se adequa ao principal argumento que será utilizado para diferenciar os SNSs de outras plataformas online. É pertinente mencionar também que, seguindo a tendência dos estudos na área, o Facebook será adotado enquanto um modelo representativo para as SNSs na presente análise.

3.2 Uma Perspectiva Contextual

As SNSs pertencem a um campo de estudos mais amplo que engloba as comunicações mediadas por computador, ou simplesmente CMCs⁹. Atualmente, as CMCs são consideradas componentes centrais da tecnologia emergente das redes de computadores, isto é, a Internet, e se tornaram tão populares na sociedade em geral que é difícil acreditar que elas surgiram confinadas aos usuários técnicos e poderiam ser consideradas como algo típico do *know-how* destes profissionais (KIESLER; SIEGEL; MCGUIRE, 1984).

Segundo Thurlow et al (2004) de modo geral, as CMCs enquanto campo de estudo tem interesse em conhecer se e de que modo a comunicação é diferente quando mediada pela Internet, isto é, de que maneiras computadores e diferentes tecnologias de comunicação ou subsistemas da Internet impactam a comunicação humana, especialmente as práticas de linguagem e os padrões de interação. Segundo Perry (2010), em seus primórdios, as pesquisas em CMCs preocupavam-se com a natureza do canal de comunicação e com impacto desta sobre o processo comunicativo, uma vez que as CMCs eram fundamentalmente baseadas em texto e, desse modo, as evidências ou pistas não-verbais eram, em grande parte, eliminadas. Uma vez que o foco estava naquilo que faltavam as CMCs em relação as interações face-a-face.

Thurlow et al (2004) mencionam que havia uma crença implícita de que as CMCs eram necessariamente modos inadequados de comunicação e os primeiros estudos na área pareciam reforçar esta ideia. Todavia, segundo os autores, atualmente, longe de ser uma forma fria e impessoal de comunicação, a CMC é considerada apenas

⁹ Abreviatura originária da terminologia em inglês *computer-mediated communications*.

uma das muitas formas que as pessoas se utilizam para fazer e sustentar relacionamentos.

Segundo DeWall et al (2011), em nossa sociedade, a comunicação digital se tornou um modo de vida. As pessoas utilizam o e-mail em lugar de enviar cartas, texto em lugar de ligações e planejam eventos com a família e os amigos por meio das redes sociais, em lugar de enviar convites pelo correio. Para Nakamura (2008) o prefixo *cyber* se tornou um dos mais irritantes e ubíquos dos anos 90, sendo vinculado a produtos, estilos de trabalho e práticas comunicativas. Entretanto, ela defende que o uso do prefixo não se faz mais necessário, uma vez que já reconhecemos que, em maior ou menor grau, isto é próprio das sociedades pós-industriais, informacionalizadas¹⁰.

Os SNSs e, mais amplamente as CMCs, são reflexo do que se tornou conhecido como sociedade da informação, um termo empregado para se referir ao mesmo fenômeno da sociedade pós-industrial, a multiplicidade de designações foi resultado de uma divergência dos autores para como denominar a sociedade contemporânea (SANTOS; CARVALHO, 2009). Segundo Werthein (2000) desde os anos finais de século XIX, a expressão sociedade da informação passou a ser referência para transmitir o conteúdo do novo paradigma técnico-econômico emergente nas sociedades, a fim de representar as transformações técnicas, organizacionais e administrativas que são fundamentalmente mobilizadas na sociedade não mais por insumos baratos de energia, como acontecia na sociedade industrial, mas sim pelos insumos baratos de informação que foram o resultado dos avanços tecnológicos observados na microeletrônica e nas telecomunicações.

Segundo Santos e Carvalho (2009), a sociedade da informação foi o que emergiu após a Terceira Revolução Industrial, já como resultado da dependência da ciência e da tecnologia. Werthein (2000) menciona que as principais características desta sociedade incluem: a informação como matéria-prima, a alta penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, o predomínio da lógica de redes, a flexibilidade e a crescente convergência das tecnologias. Foi precisamente o progresso tecnológico desta sociedade que viabilizou a invenção da tecnologia da Internet e a World Wide Web, sem as quais não seria possível a existência dos SNSs (MOONEY, 2009).

¹⁰ Tradução livre do termo utilizado pela autora *informationalized*.

Segundo Amichai-Hamburguer e Vinitzky (2010) a Internet pode ser definida como uma rede global descentralizada de computadores que, atualmente, é altamente influente, sendo capaz de afetar praticamente todos os aspectos da nossa existência. E, de fato, uma vez que a Internet se integrou tão bem à vida das pessoas, para muitos, é difícil imaginar como poderiam viver sem ela.

A Internet foi a tecnologia que evoluiu de um projeto denominado ARPANET de 1969, que, por sua vez, consistia em uma rede descentralizada que conectava um pequeno número de supercomputadores a terminais remotos (BELL, 2005). Segundo Mooney (2009) o uso da Internet sofreu uma mudança significativa com o lançamento da World Wide Web em 1991, que facilitou o uso da rede. A autora identifica a Web como um novo sistema que foi projetado para criar, organizar e conectar documentos e páginas da Web, facilitando a leitura dos mesmos na Internet pelas pessoas. Enquanto que a Internet consiste no sistema de redes que conecta as pessoas, a World Wide Web provê os meios para que as pessoas sejam capazes de utilizar-se da conectividade.

Segundo a autora, durante a maior parte dos anos 90, a Web funcionava como uma provedora de informações, de modo tal que as companhias e organizações registravam endereços na Web e criavam sites na Web a fim de proporcionar informações para as pessoas, que as utilizavam de uma forma passiva. Isto significa que as pessoas liam e absorviam a informação, mas faziam muito pouco para adicionar ou modificar aquilo que elas encontravam online.

Por volta do ano 2002, a forma com que as pessoas utilizavam a Internet e a World Wide Web começou a mudar. Emergiu uma tendência entre os usuários de criar e fazer upload de seu próprio conteúdo na Web. Uma vez que a tecnologia em si não tinha modificado, foi o novo uso que as pessoas começaram a fazer da Web que a tornou mais interativa (MOONEY, 2009). Esse movimento principiou o que ficou posteriormente conhecido como Web 2.0 e que teve os SNSs como característica central.

Ellison e boyd (2013) mencionam que, em essência, que os SNSs são um gênero de CMCs que emergiram durante um *boom* inovador da indústria posteriormente referido como fenômeno “Web 2.0”, sendo parte de uma categoria de ferramentas denominadas de mídias sociais. Segundo Leung (2013) sendo habilitados por técnicas de comunicação ubíqua, acessiva e escalável em dispositivos móveis, as mídias sociais têm modificado substancialmente o modo como indivíduos, organizações e

comunidades se comunicam e compartilham conteúdo em um ambiente de hiperinterconectividade sem precedentes.

Segundo Ellison e boyd (2013) quando o Friendster começou a receber grande atenção, sendo um modelo copiado por diversos sites, os SNSs foram rapidamente referidos como um tipo de software social. Embora muitos estudiosos tenham inicialmente rechaçado este rótulo, argumentando que não havia nada nos softwares sociais que não pudesse ser atribuído a outros fenômenos pré-existentes na literatura, como as comunidades virtuais ou o trabalho cooperativo suportado por computadores¹¹, outros, no Vale do Silício, perceberam um novo potencial em tais softwares.

Segundo as autoras, de fato, do ponto de vista funcional, há muito pouca novidade nos softwares sociais ou, como seriam posteriormente denominadas, mídias sociais. O que tornou as mídias sociais significativas enquanto categoria diferenciada, não foi a tecnologia empregada, mas a dinâmica sócio-técnica que emergiu enquanto milhares de pessoas acolhiam a tecnologia e a utilizavam para colaborar, trocar informações e socializar. Do ponto de vista técnico, a Web 2.0 sinalizou uma mudança de websites orientados por servidores back-end para front-end escritos em Javascript, Ruby on Rails e outros pacotes de desenvolvimento para a Web. Do ponto de vista processual, representou uma mudança de um modelo “projetar, desenvolver e implantar” para um processo de desenvolvimento iterativo conhecido como “beta perpétuo”.

As autoras ainda mencionam que a emergência dos SNSs nas CMCs sinalizou uma mudança na organização de comunidades online. Enquanto os websites se dedicam a comunidades de interesses ainda existem e prosperam, os SNSs encontram-se primariamente organizadas em torno das pessoas e não de interesses. Diferentemente do que acontece com os fóruns de discussão públicos, que se encontram estruturados com base em hierarquias de tópicos, os SNSs encontram-se estruturados como redes pessoais ou egocêntricas, nas quais o indivíduo é o centro de sua própria comunidade. Desse modo, os SNSs introduziram uma nova forma moldura organizacional para comunidades virtuais e, com isso, introduziram também um novo e vibrante contexto de pesquisa (ELLISON; BOYD, 2013).

¹¹ No original: *virtual communities e computer-supported cooperative work*.

Billieux e Van der Linden (2012) observam que o uso da Internet aumentou consideravelmente nos últimos anos, o que fez com que esta se tornasse um canal essencial em domínios como as comunicações sociais, a pesquisa acadêmica e o entretenimento. Essa utilização massiva da Internet foi considerada um efeito das SNSs, que, atualmente, condensam a maioria das navegações que os usuários realizam na Web. Segundo Buffardi e Campbell (2008) a migração de indivíduos, especialmente adolescentes e adultos jovens, para a Internet ocorreu de modo explosivo e os SNSs foram impulsionadores desta adesão.

Segundo Ellison e boyd (2013) antes da Web 2.0, as pessoas passavam o tempo navegando em websites, engajadas no e-mail, mensageiros instantâneos e jogos casuais, participar ativamente de comunidades virtuais ainda era considerado geek. Os SNSs reconfiguraram o engajamento das pessoas com comunidades online porque representaram uma mudança de espaços dirigidos a interesses para espaços dirigidos a amizades. Em lugar de ir a uma comunidade online para encontrar outros que estão interessados em tópicos ou hobby particular, as pessoas se voltaram primariamente para os SNSs para engajar-se publicamente com pessoas que já conheciam. O foco na rede pessoal do usuário e a familiaridade entre os participantes fizeram com que as mídias sociais fossem sentidas de modo muito diferente das variedades anteriores de comunidades online. Os SNSs foram gêneros de mídias sociais que integraram a natureza pública das CMCs dirigidas para o conteúdo com a dinâmica mais íntima das CMCs interpessoais. Lin e Lu (2011) mencionam que os SNSs se infiltraram na vida das pessoas com uma rapidez impressionante e tornaram-se uma importante plataforma social para as CMCs.

Segundo Lin e Lu (2011) os SNSs proporcionam uma nova forma de comunicação, empregando os computadores como uma ferramenta colaborativa para acelerar a formação de grupos e para aumentar a influência e *status* dentro do grupo. Segundo as autoras, atualmente, as SNSs são as ferramentas mais rápidas para desenvolvimento da rede social pessoal. Cheung e Lee (2010) pontuam que, nos SNSs, a interação e a conexão social são o objetivo, de modo tal que estes disponibilizam a qualquer pessoa um lugar para compartilhar suas histórias pessoais em palavras, vídeos, fotos com seus amigos, bem como são responsáveis por conectar pessoas com amigos e outros com que trabalham, estudam e vivem entre elas. Os SNSs também auxiliam as pessoas a aprender mais sobre eventos, festas, e outras funções sociais. Desse modo, segundo os autores, a participação e

continuidade nas SNSs representam um novo fenômeno que depende grandemente das interações com outros usuários em uma rede pessoal.

Para Panek et al (2013) os SNSs são atualmente um dos principais espaços nos quais as pessoas interagem umas com as outras, estabelecendo suas identidades e amizades e influenciando os pares. Ellison e boyd (2013) consideram que os SNSs se tornaram um gênero de mídias sociais que diminuíram as barreiras de comunicação, facilitando a exibição de informações sobre a identidade e permitindo que indivíduos com uma mesma opinião pudessem facilmente discernir seu grupo comum e, dessa forma, auxilia os usuários a cultivar interações sociais relevantes.

Segundo as autoras, uma razão pela qual os SNSs são um objeto de interesse significativo para o campo das CMCs é que eles são perfeitamente projetados para suportar a interação e são adotados por tantos tipos diferentes de indivíduos se conectando uns aos outros de novas formas, empregando as ferramentas existentes para desenvolver novas atividades e reconfigurando as tecnologias de CMC de modo a adaptá-las às suas necessidades, que evidenciam os SNSs como um campo de estudos frutífero e que impõe novos e excitantes desafios à pesquisa.

3.3 Da Adesão para os Estudos

Na presente investigação observou-se uma carência de estudos com o propósito específico de realizar uma revisão das investigações em SNSs e, quando há revisões, estas não são focadas na totalidade do campo de investigação, mas encontram-se mais associadas a temas mais específicos, como é o caso do trabalho de Anderson et al (2012). Desse modo, uma vez que uma perspectiva mais global era o objetivo, a fim de obter um panorama melhor dos estudos que vem sendo desenvolvidos, realizou-se um pequeno levantamento para evidenciar a linha de condução subjacente às investigações nos SNSs. Uma vez que a revisão em si não é o objetivo central do presente estudo, não houve uma preocupação em fornecer dados mais precisos e detalhados acerca do levantamento, incluindo-se aqui os achados e os procedimentos metodológicos empregados.

O levantamento foi realizado online, embasado na ideia de que o campo é recente e que a maioria dos artigos provavelmente encontra-se disponível online, especialmente considerando o tipo de fenômeno em interesse na área. Este foi

efetuado utilizando essencialmente o argumento de busca *social network sites* e seus sinônimos, inclusive em português, conforme observado na literatura e já referido no presente trabalho, no Google e em sites de buscas direcionados para investigações científicas, incluindo-se aqui indexadores de periódicos científicos online. Após obter uma prévia geral dos resultados nos buscadores, se optou por enfatizar a literatura em inglês, que pareceu refletir melhor uma linha internacional de pesquisas, tendo sido observados trabalhos de pesquisadores oriundos de várias nacionalidades, inclusive o Brasil (BENEVENUTO et al, 2012).

Considerando que o presente estudo trabalha em uma perspectiva mais espontânea de uso das redes sociais, que se aproxima mais dos propósitos para que elas foram inicialmente projetadas, foram prontamente excluídos os estudos que investigavam o uso dos SNSs em organizações e para fins educativos. Igualmente estudos que abordavam o uso da Internet em uma perspectiva mais ampla foram excluídos, sendo mantidos apenas os estudos que focavam os SNSs ou o Facebook em si, consensualmente reconhecido como representativo do fenômeno. Optou-se também por incluir apenas os trabalhos que haviam sido efetivamente publicados em períodos científicos e os estudos primários.

Por fim, tendo em conta o volume de pesquisas resultante mesmo mediante a adoção dos critérios referidos e a viabilidade pelas limitações do presente trabalho, foram utilizados outros critérios menores para a exclusão de algumas pesquisas resultando em um volume final de 28 investigações, que, com base em uma leitura mais ampla do campo e nos princípios da amostragem, se acredita poderem funcionar em caráter exemplificativo de uma tendência mais geral que é observada nas investigações com o objeto de interesse. Entretanto, é pertinente mencionar que é altamente necessário e encorajado um estudo que objetive uma revisão mais sistemática das investigações com SNSs. De fato, dado o volume de pesquisas e as diferentes áreas que têm sido abrangidas, é aconselhável a divisão em temáticas específicas, no entanto, se faz necessária a integração destas, a fim de prover um panorama global dos estudos com SNSs. A falta de uma pesquisa deste cunho é patente quando se observa que há divergências entre os autores inclusive acerca do que tem sido mais ou menos investigado na área.

Após a seleção final dos trabalhos, uma tabela (tabela 2, apêndice a, página 75) foi elaborada condensando os estudos de forma descritiva a partir dos seguintes descritores, escolhidos fundamentalmente considerando a pertinência para a presente

investigação: objetivo, autoria, a área de concentração dos autores e a fundamentação teórica subjacente a investigação. A área de concentração dos autores foi deduzida a partir da vinculação institucional apresentada no trabalho. A fundamentação teórica foi sintetizada para abrigar as teorias que proveram as estruturas conceituais que os autores utilizaram para delimitar o objetivo dentro de uma moldura científica. A respeito deste descritor faz-se necessário uma consideração.

Nos estudos, por vezes, se observa a utilização de termos como “conexão social” ou “timidez” sem que estes sejam situados em contexto científico algum, o que significa que os termos não são delimitados dentro de teorias e, dessa forma, supõe-se que seus significados seriam decorrentes do que se entende no uso comum, o que é bastante desaconselhável, dado a ausência de um critério delimitador mais preciso e embasado em pesquisas anteriores. Tal ocorrência foi observada em estudos de outras áreas que se propunham a investigar aspectos considerados mais típicos de outra área, o que poderia sugerir uma falta de experiência, entretanto, também ocorreu quando a investigação era familiar à área ou mesmo típica desta e, deste modo, é um aspecto que requer considerável atenção das futuras investigações.

Mediante o levantamento realizado foi possível observar que a maioria dos estudos recaem, indubitavelmente, sob um questionamento primário que poderia ser expresso basicamente em "Por que as pessoas utilizam os SNSs?", a fim de clarificar os fatores que estariam subjacentes ao comportamento de se engajar nas redes sociais. Dois aspectos parecem estar na base deste questionamento. Primeiro, a Internet trouxe facilidades óbvias, entretanto, não se observou uma massiva adesão à tecnologia até que os SNSs entrassem no cenário, há um claro reconhecimento que foram especificamente os SNSs que levaram o aumento expressivo nos índices de utilização da Internet. Desse modo, se tornou uma inquietação recorrente compreender o que teria nestes sites que seriam tão mais atraentes em relação à Internet em geral de modo que as pessoas não apenas momentaneamente aderiram, mas continuam engajadas no serviço, em um uso, por vezes, diário, especialmente considerando a efemeridade que caracteriza o atual momento sócio-histórico. Esse questionamento mobilizou não apenas os cientistas preocupados em entender o comportamento humano, mas também as próprias companhias que mantêm os serviços, a fim de atrair mais usuários e sustentar o seu uso, além de fazer com que as pessoas permaneçam mais tempo nos SNSs.

Segundo, utilizar os SNSs ainda é claramente uma opção, especialmente em função do seu propósito de entretenimento. De certo modo, a Internet ainda vem em muito sendo vista como uma facilidade e não uma obrigatoriedade, e os SNSs parecem, atualmente, representar muito mais essa lógica do que os e-mails, por exemplo. Diferentemente dos SNSs, o e-mail é um elemento requerido para ter acesso a muitas atividades da Web, só é possível usufruir de um dado serviço caso seja fornecido um e-mail válido, alternativamente, em alguns casos, é possível entrar com sua conta do Facebook. Uma sensação de obrigatoriedade foi sutilmente expandindo-se para além das supostas fronteiras do ciberespaço, de modo que, embora muitos não estejam ativamente envolvidos com suas contas de e-mail, eles possuem uma. Sendo assim, o que também tem provocado inquietações é o que estaria mobilizando as pessoas a aderir aos SNSs, se esta adesão é exclusivamente uma questão de opção. Neste sentido é pertinente salientar que a compreensão do uso envolve um movimento duplo, tanto de entender o que há nas SNSs que tanto atrai e o que há no usuário que responde a esta atração.

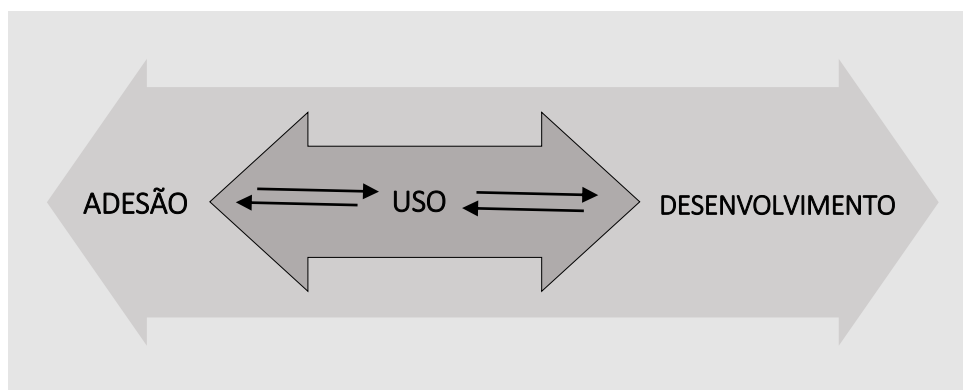
Com o uso cada vez mais frequente, surgiu um outro nível de pesquisa que se preocupou com a forma com que este uso estaria afetando o homem, já que envolveria a inserção deste em um ambiente diferenciado do ambiente real, implicitamente compreendido como o ambiente ao qual o homem pertence naturalmente. De modo que, seguindo uma tendência mais ampla, os ciberespaços eram, portanto, vistos como fenômenos que privavam o homem de sua vida, em determinada medida. Este novo foco que emergiu poderia ser delimitado como uma compreensão de como o uso dos SNSs afeta o desenvolvimento humano, positivamente ou negativamente.

A partir das tendências de pesquisa observadas e das perguntas a que estas, implicitamente ou explicitamente, se propõe a responder, foi elaborado um modelo de compreensão mais global do fenômeno dos SNSs, envolvendo três níveis de investigação, tendo como foco o sistema humano e considerando a proposta transacionista e o paradigma sistêmico (diagrama 2, página 44), a fim de fomentar um novo nível compreensivo nas investigações na área, preservando, entretanto, o reconhecimento de que se trata fundamentalmente de um artifício compreensivo. Embora tenha sido aqui destacado o sistema humano, salienta-se que este se encontra em articulação com outros sistemas, como o que inclui a própria arquitetura dos SNSs.

Mediante a perspectiva transaccional, a ideia expressa pelos fluxos representados pelas setas no diagrama é de que adesão afeta o uso e o uso afeta a adesão, da mesma forma que o uso afeta o desenvolvimento e o desenvolvimento afeta o uso. Por fim, uma vez que o uso afeta o desenvolvimento e é afetado pela adesão, temos que a adesão afeta o desenvolvimento e o desenvolvimento afeta a adesão.

O nível da adesão tem incluído basicamente pesquisas que investigam o que têm motivado o comportamento de uso dos SNSs, envolvendo abordagens focadas no indivíduo, como os estudos que utilizam a abordagem dos Usos e Gratificações (RAACKE; BOND-RAACKE, 2008) e a teoria do Capital Social de Bourdieu (UUSIAUTTI; MÄÄTÄ, 2014) ou mesmo os estudos que focam a descrição dos motivos referidos pelos usuários individualmente em si (BICEN; CAVUS, 2010; PEMPEK et al, 2009); e estudos que tentam inserir a perspectiva de que é necessário ampliar o foco para o grupo, partindo da premissa de que a adesão as redes sociais deveria ser compreendida primariamente como uma Ação Intencional Grupal (CHEUNG; LEE, 2010; CHEUNG et al, 2011).

Diagrama 2. Esquema Representativo das Transações no Estudo do Comportamento de Uso dos SNSs



Fonte: Elaboração própria para fins do presente estudo.

O nível da adesão, entretanto, ainda tem negligenciado as investigações no que se refere à não adesão. A primeira consideração a ser feita é que, embora nem todos adiram as redes sociais, com muita probabilidade, são influenciados pelas relações de outros nestas redes, em maior ou menor grau, dado o crescente volume de adesões, de modo tal que Buffardi e Campbell (2008) hipotetizam que a psicologia geral dos usuários é amplamente normativa. Desse modo, os SNSs não existem

enquanto realidade alheia, mesmo que o indivíduo não se engaje neles, eles são trazidos a si por outros, especialmente se considerarmos a ideia de que vivemos hoje na sociedade da informação.

Sendo assim, antes de ser efetivamente um usuário dos SNSs, aquele que realiza *inputs* no sistema, qualquer indivíduo é parte de uma teia de relações mais ampla cujo núcleo mobilizador primário são os SNSs. O fenômeno dos SNSs não começa quando o usuário entra no sistema, dando a entender que estaria em uma realidade diferenciada, mas ele também acontece no que é referido como “mundo real”, não apenas para os usuários, mas também para as pessoas que não realizam *inputs* no sistema.

Ademais do propósito de compreender o que motiva a adesão das pessoas, os estudos também sugerem que essa compreensão pode ser extrapolada para um entendimento do que mantém as pessoas utilizando o serviço depois que elas aderem (LIN; LU, 2011). Entretanto, esta perspectiva é melhor explorada no nível seguinte.

O nível do uso foi pensado mediante a observação de um interesse em compreender mais acuradamente o que as pessoas fazem nos SNSs, uma vez que estes são sistemas multitarefas, integrando diversas funcionalidades que antes se distribuíam entre várias aplicações para a Web. Neste nível, surgiu um desafio metodológico crítico, que se refere a como mensurar o uso dos SNSs. Ainda não há um consenso claro e os autores vem desenvolvendo propostas nesse sentido, a adoção de um critério ou instrumento que seja capaz de servir a diversos objetivos de pesquisa se revela claramente necessário para avanços maiores.

Além do aspecto descritivo inerente a uma caracterização do uso dos SNSs, desenvolveram-se pesquisas buscavam associar o uso com a personalidade, especialmente inspirados no Modelo dos Cinco Fatores (ROSS et al, 2009; AMICHAHAMBURGUER; VINITZKY, 2010; MOORE; MCELROY, 2012) e houveram pesquisas que se interessaram inclusive pela personalidade dos não usuários para melhor entender os usuários (RYAN; XENOS, 2008). Esta linha aparentemente surgiu mediante a observação de que os SNSs eram ambientes diferenciados que poderiam ser mais favoráveis a expressão de determinados traços de personalidade, neste caso, é evidente uma associação primária com o narcisismo (DAVENPORT et al, 2014; PANEK et al, 2013; DEWALL et al, 2011; BERGMAN et al, 2011; MEHDIZADEH, 2010; BUFFARDI; CAMPBELL, 2008). Segundo Buffardi e Campbell (2008) a associação entre SNSs e narcisismo foi logo evidenciada porque os SNSs

oferecem explicitamente oportunidades para: autopromoção, por meio das autodescrições; exposição, através das fotos, especialmente as *selfies*; e para grande número de relacionamentos superficiais. Características potencialmente associadas ao traço narcísico.

Por meio do foco nos usos realizados começou-se a melhor elucidar o que mantinham as pessoas utilizando o serviço com o adicional de que a motivação estava sendo investigada em outro nível. Para a adesão, o que se observa é um foco nítido em fatores conscientes, uma vez que se parte da premissa de uma opção. Entretanto, desde Freud, a psicologia não compreende o comportamento exclusivamente em suas motivações conscientes. As ações que não tinha motivação evidente em nível consciente, na verdade, a teriam em nível inconsciente. Observar as motivações inconscientes, que foram especialmente vinculadas aos traços de personalidade neste novo nível, se revelou uma perspectiva promissora para prever como as pessoas utilizariam os SNSs, que aspectos as estimulavam no uso dos SNSs e mesmo como a personalidade de alguém se revelava mediante sua auto-apresentação nos SNSs.

O nível do desenvolvimento, conforme já foi evidenciado, abriga os efeitos que o uso dos SNSs tem sobre o desenvolvimento humano em curto ou longo prazo. Na verdade, as investigações nesse último nível encontram-se ainda evidentemente no seu princípio, uma vez que os estudos ainda tentam provar que há efeitos, de modo que o como ainda é, em muito especulativo, embora os SNSs tenham herdado um olhar já resultante das pesquisas com a utilização da Internet.

Rosen et al (2013) mencionam que um estudo realizado por Krautz e colaboradores em 1995, como parte do Projeto HomeNet, demonstrou que o maior uso da Internet estava associado com mais sinais de solidão e depressão. O mesmo estudo, posteriormente, demonstrou que a influência negativa dissipou-se com tempo e experiência, entretanto, a preocupação com o impacto da tecnologia na saúde psicológica cresceu ao ponto em que 16 anos depois o *American Pediatric Association's Council* chegou a afirmar que o que foi denominado "*Facebook depression*", isto é, a depressão do Facebook, era um problema em potencial para pré-adolescentes e adolescentes.

Para além de serem possíveis desencadeadores de desordens psicológicas, os SNSs, neste nível, também sido investigados em termos de sua influência sobre a identidade (ZHAO et al, 2008), autoestima (MEHDIZADEH, 2010), bem como o próprio bem-estar psicológico geral (KALPIDOU et al, 2011). Ademais, existe uma articulação

evidente com o nível anterior, quando se demonstra que os SNSs podem estar auxiliando favoravelmente o desenvolvimento social de pessoas que apresentam timidez (RYAN; XENOS, 2011).

Os estudos deste nível, assim como os demais, claramente focam os adolescentes e adultos jovens, uma vez que estes grupos são notadamente reconhecidos como os que apresentaram maior adesão aos SNSs, de forma tal que as pesquisas também têm claramente vinculado o uso aos desafios próprios de tais períodos desenvolvimentais (ZHAO et al, 2008). Entretanto, apesar da inquestionável proeminente adesão dos adolescentes e adultos jovens, outras faixas etárias também têm adotado o serviço, de modo que, a investigação com estes grupos também se torna imperativo.

3.4 Do *Homo tridimensionalis*

É evidente a pluralidade de campos investigação envolvidos no estudo dos SNSs. O fato de ser um fenômeno considerado ubíquo, parece tê-lo tornado objeto de interesse de várias disciplinas. Embora haja um interesse pronunciado por determinados aspectos do fenômeno, a depender da área em questão, é patente nas investigações a impossibilidade de compreensão adequada de tais aspectos desconsiderando outras facetas do fenômeno. Desse modo, os SNSs parecem claramente um objeto cujo reducionismo preconizado pelo paradigma tradicional da ciência dificulta consideravelmente sua abordagem.

Ellison e boyd (2013) atribuem principalmente ao fato de tratar-se de um fenômeno em rápido movimento, o que dificulta o emprego do que as autoras reconhecem como um “modo tradicional” de análise dos fenômenos. As autoras consideram importante que os pesquisadores articulem os pressupostos e vieses dos métodos tradicionais de modo a atender ao amplo espectro de possibilidades presentes no estudo com os SNSs, a fim de refinar as teorias existentes e desenvolver novas. Para Lévy (1999) a dificuldade em analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática ou multimídias é particularmente multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio.

Como Ellison e boyd (2013) mencionam, os SNSs introduzem novos desafios de pesquisa, consistindo em ótimas oportunidades para o desenvolvimento de novas

teorias e metodologias. Entretanto, o que se tem observado no campo é literalmente muito mais um movimento de importação de teorias que vêm sendo utilizadas para o estudo de outros fenômenos, especialmente a Internet em si, e, nesta importação, a idiosincrasia do fenômeno pode acabar sendo negligenciada.

Segundo Ryan e Xenos (2010) há uma lacuna evidente de uma teoria derivada de estudos empíricos envolvendo os SNSs. Ao que os autores atribuem ser uma consequência do fato do Facebook ser um fenômeno social recente, de modo que teriam havido limitadas oportunidades para pesquisa exploratória. O que é mais preocupante, entretanto, não é a falta de uma teoria própria é a insistência em pensar o fenômeno pelo paradigma tradicional da ciência. A simplificação é patente e se evidencia quando se observa que as pesquisas têm escolhido, por exemplo, a teoria dos Usos e Gratificações (JIMÉNEZ et al, 2012) para compreensão do uso dos SNSs, uma abordagem teórica que tem sido duramente criticada pelo seu viés positivista, mesmo reconhecendo as limitações que poderiam torná-la inadequada à investigação e sem uma proposta clara de reinvenção.

Outro sintoma do reducionismo nas investigações é a afirmação de Uusiautti e Määttä (2014) de que a explosão de pesquisas internacionais no campo dos SNSs, após a crescente percepção de que estes têm influenciado e influenciarão o homem na vida social, resultou na emergência de diversos pontos de vista, por vezes, contraditórios. O que uma nova forma de pensar o mundo tem revelado é que as contradições observadas com base no paradigma tradicional da ciência podem ser eliminadas se observamos os fenômenos por um ângulo diferenciado, ou, tal como propõe a análise existencial frankliana, se observarmos o homem pela dimensão que lhe é própria, uma vez que não teremos que escolher quais são os delimitadores mais verossímeis de um fenômeno simplificado, mas sim nos preocupar em identificar as possibilidades de um fenômeno complexo.

Segundo Vasconcellos (2012) o paradigma tradicional da ciência conduz a percepção de que as informações provenientes de diferentes estudos são contraditórias porque são o resultado de um pensamento disjuntivo, reflexo de uma necessidade de simplificação dos fenômenos. O cientista novo-paradigmático deve contextualizar os fenômenos, um processo que envolve a realização de operações lógicas contrárias às de disjunção e redução, que são simplificadoras e, desse modo, permitiriam alcançar a simplicidade atomizada, valorizada pelo paradigma tradicional.

Por outro lado, as operações que permitem enxergar a complexidade organizada são as de distinção e conjunção.

Segundo a autora, a operação de distinção permitiria ao cientista distinguir o objeto de seu contexto, sem contudo isolá-lo ou dissociá-lo deste. Isso significa que o cientista será capaz de distinguir o objeto sem deixar de focar as relações entre o que foi distinguido e aquilo do qual se distinguiu, sem envolver uma pretensão de realizar as disjunções que supostamente viabilizariam a realização de classificações precisas. Considerando que o cientista novo-paradigmático também foca as relações, ele igualmente realiza a operação de conjunção, necessária para estabelecer as inter-relações e articulações. Portanto, não se trata de aplicar o reducionismo, a fim de simplificar a complexidade, mas de integrar o simples no complexo. O pensamento disjuntivo é, dessa maneira, substituído por um pensamento integrador, que nada mais consiste do que em promover uma articulação, sem reduzir ou eliminar as diferenças. É precisamente a consideração do contexto relacional do objeto que possibilita preservar os aspectos aparentemente contraditórios de um mesmo fenômeno (VASCONCELLOS, 2012).

Vasconcellos (2012) menciona o princípio dialógico de Morin como um ótimo exemplo de pensamento integrador do novo paradigma da ciência. Segundo a autora, aplicar tal princípio consiste em articular mantendo a dualidade no seio da unidade sem que haja a pretensão de realizar uma síntese, tal como propõe a dialética. Com propósito ilustrativo, a autora menciona como funcionaria uma integração das cores preta e branca na dialética e na dialógica. Numa perspectiva dialética, o resultado final seria o cinza, que seria a coloração resultante da mistura das referidas cores, entretanto, não se preservou o branco como branco, nem o preto como preto, ambos desaparecendo no cinza. Na perspectiva tradicional, dizer que, por exemplo, que o céu está claro e escuro prontamente geraria confusão e iria requerer uma delimitação precisa que excluísse uma das opções porque implicitamente há a ideia de que uma, automaticamente, nega a outra. Na perspectiva dialógica, por outro lado, não se faz necessário optar por uma das características, nem procurar por um rótulo que sintetize ambas.

A dialógica é, desse modo, uma característica essencial do pensamento complexo, unir conceitos que tradicionalmente se opõem, considerados racionalmente antagônicos e que, até então, se encontravam em compartimentos fechados, fazendo comunicar as instâncias separadas do conhecimento. Uma das consequências do

pensamento complexo é que, em lugar de pensar a compartimentalização estrita do saber, se passa a focalizar as possíveis e necessárias relações entre as disciplinas e a efetivação das contribuições entre elas, caracterizando-se uma interdisciplinaridade (VASCONCELLOS, 2012).

Apesar da aparente discussão situada exclusivamente em âmbito científico, a herança cartesiana não influenciou apenas o pensamento científico moderno, no qual ela é aparentemente mais evidente, já que foi inventada a fim de legitimar como deveriam proceder as investigações a fim de aproximar-se do real, percebido como o projeto da ciência. Entretanto, esta foi sorrateiramente infiltrando-se em um modo mais geral de se pensar a realidade, independentemente do que seria considerado o âmbito científico em si, e teve na educação formal um excelente catalisador. Com isso, não se pretende afirmar que há uma separação do conhecimento científico das demais formas de conhecimento, e sim o contrário, que o conhecimento científico encontra-se tão intimamente relacionado às outras formas de conhecimento, como vem demonstrando os herdeiros do pensamento de Moscovici (ALMEIDA et al, 2011), que é inegável como este afeta e é afetado pelos demais saberes.

O dualismo aparentemente impregnou o estudo das CMCs em seus primórdios, tanto no âmbito do conhecimento científico quanto do chamado senso comum, sendo refletida não apenas na utilização de métodos específicos, mas também na forma de perceber os ciberambientes como em oposição ao mundo real entre os cientistas e a população em geral. Dois aspectos observados na história deste campo de investigação são reveladores de tal forma de pensar: a crença de as CMCs consistiam em um prejuízo ao real e a ideia de que os usuários de CMCs adotam uma identidade virtual.

Segundo Thurlow et al (2004) nos primórdios do campo de investigação das CMCs, se difundiu uma crença de a Internet era necessariamente um modo inadequado de comunicação e, inclusive, prejudicial, já que privaria as pessoas de relacionamentos “reais”. Pensando as CMCs em oposição as interações face-a-face, evidenciou-se apenas o que faltava nelas. Desse modo, segundo os autores, as CMCs eram acusadas de serem associais, isto é, frias e hostis, e antissociais, diminuindo as interações face-a-face.

Thurlow et al (2004) mencionam que os primeiros estudiosos em CMCs pareciam corroborar tais impressões e construíram abordagens consideradas pelos autores como deficitárias, uma vez que se estruturavam com base na ideia de que faltavam

as CMCs importantes qualidades das comunicações face-a-face e, portanto, elas eram consideradas empobrecidas, impessoais, ineficazes e emocionalmente distantes, sendo, portanto, um tipo de comunicação sempre percebido como inadequado. Tais abordagens contribuíam para que as CMCs fossem encaradas como formas de comunicação marcadas pela desinibição, antinormatividade e até mesmo a agressividade.

Esta tendência de pensar as CMCs é patente na observação de Schwartz (2012) de que certas pesquisas se preocupavam em entender como a Internet estava impactando as habilidades comunicativas dos adolescentes e prontamente questionavam se esta estava comprometendo suas habilidades para formar relações interpessoais de vinculação mais próxima. Por outro lado, outros pesquisadores estavam engajados em defender que a Internet consiste em uma forma saudável para manutenção dos relacionamentos, uma vez que muitos adolescentes estariam utilizando os SNSs de modo a melhorar os relacionamentos que já possuíam off-line. A própria autora ressalta que a expansão da tecnologia e o crescente uso das CMCs teve como saldo, para os adolescentes, a aquisição de uma habilidade para manutenção de um maior número de suas amigas e grupos de compartilhamento e, deste modo, a manutenção dos vínculos estaria sendo realizada muito mais pela Internet do que pelas interações face-a-face.

Para Thurlow et al (2004) as ideias de comunicação inadequada foram superadas mediante o modelo do Processamento da Informação Social (SIP¹²), proposto por Walther (1992). Segundo os autores, com seus estudos, Walther descobriu que a necessidade humana por conexão social é a mesma nas CMCs e nas comunicações face-a-face. O autor teria demonstrado que, geralmente, nos esforçamos para nos conectar com as pessoas, como resultado de um esforço para que as pessoas gostem de nós e com as CMCs ocorreria o mesmo, apenas levando mais tempo. Ele defende que, caso seja dado o tempo necessário, as pessoas que utilizam as CMCs desenvolverão formas de compensar a ausência das pistas não-verbais, aprendendo novas formas de verbalizar o conteúdo relacional. Segundo os autores, algumas pesquisas começaram a demonstrar empiricamente que os usuários tentavam acalorar as CMCs substituindo pistas, como o caso dos *emoticons*, e lendo as pistas existentes mais acuradamente. Depois de tais constatações, Walther teria

¹² Do inglês *Social Information Processing*.

inclusive proposto a ideia de comunicação hiperpessoal, sugerindo que as CMCs poderiam ser mais amigáveis, sociais e íntimas que as comunicações face-a-face.

Thurlow et al (2004) ainda mencionam que não é apenas nas CMCs que nos esforçamos para unir o máximo de informações que podemos sobre as pessoas e também para ter certeza de que as pessoas terão a impressão correta de nós. O trabalho de Goffman (1985), originalmente publicado em inglês em 1959, teria demonstrado isso. O pesquisador já havia observado que passamos grande parte das nossas vidas desenvolvendo o que ele denominou de gerenciamento das impressões¹³, isto é, formando impressões sobre os outros e tentando constantemente influenciar as impressões que os outros terão de nós. Daí, decorre porque a comunicação acaba sendo um jogo de informações no qual nos esforçamos para descobrir coisas sobre as pessoas ao mesmo tempo em que decidimos o quê e quanto elas devem saber sobre nós, a razão subjacente a necessidade de obtenção de tanta informação seria para a manutenção dos vínculos. Contribuindo para desmistificar, dessa forma, a ideia de as CMCs eram necessariamente formas de comunicação inadequadas.

A segunda tendência resultante do dualismo era uma percepção da oposição identidade no mundo real e no mundo virtual, uma vez que os ciberespaços permitiriam o pleno anonimato, tornando possível que alguém aparecesse diferente do que é. Em uma oposição clara virtual-real, as pessoas acreditam serem capazes de se transformar em outras e, portanto, viver uma vida diferente no “interior” dos computadores. Na verdade, a ideia de aparecer “falsamente” é algo possível apenas no mundo virtual, mas foi exacerbada no ciberespaço pelo pensamento de que o virtual, pela ausência do físico, permitiria romper com o real, já que a personalidade demonstrada poderia ser mais ou menos manipulável, recebendo impulso de uma perspectiva que fazia crer que não era apenas uma possibilidade, mas sim uma tendência. O pensamento subjacente era de que se as pessoas podiam fazer, elas certamente fariam. Entretanto, como Thurlow et al (2004) mencionam, a própria ideia de que se possui uma identidade única a qual se deve corresponder é baseada em uma concepção de identidade que já se revelou ser inadequada.

Segundo os autores, anteriormente, pensava-se que cada um de nós tinha uma identidade ou essência natural cuja formação se findaria com a idade adulta. Isto é

¹³ Termo original em inglês *impression management*.

reflexo de uma crença na identidade como algo unitário, há uma identidade única e verdadeira, fixa, estabelecida durante a adolescência, e estável, permanece basicamente a mesma. Este conceito tradicional ainda é surpreendentemente influente hoje em dia e se evidencia quando se observa, no discurso das pessoas, menções como encontrar a si mesmo, encontrar sua real identidade ou o seu verdadeiro eu, a identidade é então pensada como algo que possuímos ou que podemos descobrir.

Entretanto, atualmente, pelo menos os teóricos têm visto a identidade como muito mais flexível, multidimensional e socialmente construída. E, sendo assim, não se pensa mais a identidade em termos de identificar-se, mas como um processo em que trabalhamos constantemente, um projeto mais aberto e para a vida toda. A diferença entre a concepção tradicional e contemporânea de identidade é crucial para a CMC porque influenciou consideravelmente os estudos na área. Muitas pessoas têm frequentemente mal compreendido a identidade online como resultado de uma falha em compreender a natureza construída, múltipla e fluida da identidade (THURSLOW et al, 2004).

Essa nova perspectiva da identidade não reduz sua importância se reconhecermos que a identidade, segundo os autores, constituiu uma forma de tentar dar sentido ao caos ou a variedade em nossas vidas. Da mesma forma que os estereótipos auxiliam a organizar o constante fluxo de informações sociais que recebemos, a identidade auxilia a organizar os diferentes sentimentos, ideias, crenças, atitudes e valores que temos. A identidade é algo em que trabalhamos o tempo todo, de modo que queremos ser capazes de contar uma história estruturada e coerente sobre quem achamos que somos, com princípio, meio e fim.

Na verdade, as mudanças na visão da identidade acompanham as necessidades contemporâneas. Antigamente, as pessoas viviam em comunidades mais estreitamente definidas em termos de nacionalidade, etnia, religião e classe. Portanto, a identidade não parecia uma questão e as pessoas simplesmente “pegavam” suas identidades pelo que estava na base já fornecida de sua nacionalidade, gênero, religião, profissão, etc. Mais recentemente, entretanto, a maioria das pessoas vivem em ambientes muito mais excitantes, multiétnicos e internacionais e estão de forma crescente e frequente, recorrendo as mídias enquanto recurso para a construção das identidades. Uma vez que a interação social nunca ocorre em um vácuo, nossas identidades são afetadas pelo tempo, lugar e sociedade na qual vivemos e interagimos uns com os outros (THURSLOW et al, 2004).

A ansiedade decorrente do anonimato nas CMCs se justifica quando observamos que, em seus primórdios, os estudiosos e jornalistas estavam muito excitados pela liberação oferecida pelo relativo anonimato da CMC. Segundo Thurslow et al (2004) este anonimato, alegou-se, abriu caminho para o desencorpamento¹⁴, uma experiência que pode ser entendida como a possibilidade da identidade não mais depender ou ser delimitada pela experiência física. Certamente, as interações face-a-face, o gênero e identidade étnica são definidores irresistíveis, de modo tal que, dentro de segundos, fazemos assunções e formamos opiniões baseadas no que vemos, isto é, idade, vestimenta, sexo, cor da pele, dificuldades físicas. Online é diferente, você pode certamente gerenciar as impressões mais facilmente, escolhendo contar a outras pessoas o que você quer, inclusive sobre sua aparência física. Em tese, as CMCs ofertam uma oportunidade especial para jogo de identidades, permitindo fingir ser outra pessoa ou apenas pintando diferentes aspectos de si. Uma mulher pode brincar de ser homem, por exemplo, e vice-versa. A cor de sua pele pode ser irrelevante se você quiser. Você não precisa saber se a pessoa com quem você se comunica é surda ou está em uma cadeira de rodas.

Todavia, diante de tal furor, alguns autores começaram a criticar a ideia de que seria possível jogar com as identidades dessa forma, como se fosse possível que a identidade se liberasse do corpo de tal maneira. Ademais, pontuavam que da mesma forma que existem espaços para brincar de práticas identitárias off-line, existem espaços online para este fim. O problema com muito da excitação sobre o jogo de identidades no ciberespaço é que há uma tendência a exagerar a realidade da comunicação online em termos do que as pessoas realmente fazem e aquilo que elas realmente querem fazer. Frequentemente, inclusive, as pessoas não querem anonimato ou simples não é possível tê-lo, ou mesmo as pessoas serão punidas por ele (THURLOW et al, 2004). A emergência das SNSs, entretanto foi o que pareceu definitivamente colocar o anonimato em xeque, não por impossibilitá-lo, mas efetivamente diferenciar a experiência a partir deste aspecto, o que teve repercussões além do esperado, embora não se tenha conferido a ênfase necessária a esta questão nas investigações consultadas.

Segundo Lévy (1999) virtual, em seu significado filosófico refere-se ao que existe em potência e não ainda em ato, é aquilo que se encontra antes da concretização

¹⁴ Tradução livre do inglês *disembodiment*.

efetiva ou formal. Desse modo, o virtual é uma dimensão muito importante da realidade. Entretanto, em sua acepção mais comum, a palavra acaba sendo empregada como sinônimo de irrealidade e sendo assim, uma dada coisa deve ser real ou virtual e que ela não poderia possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Todavia, como evidencia o significado filosófico, não há uma oposição real-virtual. O autor defende que se fôssemos pensar em oposição, a oposição seria virtual-actual, mas que ambos seriam apenas dois modos diferentes da realidade.

Lévy (1999) ainda menciona que é virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados sem, contudo, estar presa a um tempo e local em particular, como acontece com a palavra, por exemplo. Ainda que não possamos situá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real, ele apenas existe sem estar presente, aqui se acrescenta, fisicamente.

Deste modo, o ciberespaço não se distingue de um mundo real e a própria forma de denominar este último parece dizer que este é o que importa, é como pensar que as atividades virtuais não são reais de alguma forma, apesar de que elas sejam importantes ou significativas para as pessoas que os vivenciam.

Segundo Nakamura (2008) a percepção da Internet como um espaço virtual que era semelhante ao real e ao mesmo tempo separado deste, como uma segunda vida, o configurou como um espaço para escapar da realidade e firmou uma ruptura. Entretanto, esta percepção de espaço alternativo ao real, apoiada no pensamento cartesiano e na estrutura da comunicação, que favorece a ilusão de desconexão, precisa ser definitivamente superada. Como Terranova (2000) menciona, é crucial avançar da noção de que o ciberespaço é sobre escapar da realidade, a fim de compreender como a realidade da Internet está profundamente conectada com o desenvolvimento da sociedade pós-industrial tardia como um todo. A vida nos computadores não é necessariamente uma vida diferente do que há no real, nem mesmo uma vida à parte.

O que se pretende aqui defender é que os SNSs consistiram em um gênero de CMCs que encorajou uma aproximação real-virtual de modo tal que favoreceu a ruptura do dualismo, um movimento que resultou no favorecimento ao homem do exercício mais amplo de determinados aspectos de sua existência e, como consequência, tornou as CMCs mais atraentes, assim como o próprio ciberespaço. Baseado no que foi exposto até agora, esta compreensão será desenvolvida.

Nos SNSs, tal qual nas demais formas de CMCs, se considerarmos a concepção tradicional de identidade, seria possível ao usuário tornar-se “outra pessoa”, o que, na verdade, poderia ser compreendido como um grande afastamento daquilo que a pessoa pareceria tomando-se a interação face-à-face como parâmetro. Entretanto, esta conduta, nos SNSs, é referida entre os usuários da plataforma como “*fake*”. Um perfil falso, como a própria denominação sugere, é um tipo de perfil danoso ao propósito da plataforma, uma vez que protegeria o usuário pelo anonimato, abrigando a ideia implícita de que este teria propósitos duvidosos no sistema. Desse modo, a interação de um perfil *fake* no serviço já seria suficiente razão para que esta seja descreditada.

Nos SNSs, a vinculação real-virtual é fortemente encorajada, de modo que se espera que o usuário herde no sistema online as conexões que já possui off-line. Como Bicen e Cavus (2010) mencionam, o próprio processo de inscrição do usuário nas SNSs envolve a identificação de outros usuários presentes no sistema com os quais este possui alguma relação off-line. A conexão entre o real e o virtual proporcionado pelos SNSs se tornou tão evidente que Lin e Lu (2011) enfatizaram a importância do conceito de efeito de rede¹⁵ para compreender a motivação para o uso dos SNSs, um conceito já empregado para explicar o valor de outras tecnologias da comunicação como o telefone, por exemplo. Segundo Page e Lopatka (2000) a principal ideia que embasa o efeito de rede é a de que o ato de aderir a uma rede resulta em benefício para todos os demais participantes dela.

Lin e Lu (2011) afirmam que os usuários que difundem os benefícios percebidos no uso dos SNSs para seus amigos e parentes alcançam o exterior da rede e o *feedback* positivo impulsiona o crescimento de membros na plataforma, o que fez com que o Facebook, por exemplo, rapidamente aumentasse o total de usuários globais de 150 milhões para 350 milhões entre janeiro e dezembro de 2009.

Segundo Katz e Saphiro (1985) a utilidade que um determinado usuário percebe do serviço depende do total de outros usuários que se encontram na mesma rede que o usuário se encontra e, desse modo, os consumidores baseiam suas decisões de aquisição a partir do tamanho que estes estimam ser esperado para a rede. Segundo

¹⁵ Tradução do termo utilizado na literatura em inglês *network externalities*, baseado na sua utilização na literatura em língua portuguesa. É pertinente mencionar que, no entanto, na literatura em inglês há uma menção a uma diferença entre *network externalities* e *network effects*, conforme Page e Lopatka (2000 p. 956), não tendo sido encontrada correspondência na literatura em português.

Lin e Lu (2011) o efeito de rede é um importante fator que afeta os usuários da Internet enquanto uma razão para que as pessoas utilizem a tecnologia da informação e o espírito dos SNSs enfatiza a interação e o envolvimento do usuário, que são chaves no sucesso do projeto. Algo a crescer-se ao efeito de rede é que a ênfase não é na quantidade, mas na qualidade, um dos aspectos implícitos é o fato de que quanto maior o número, maior a probabilidade de encontrar pessoas que você conhece dentre aqueles números. O efeito de rede eleva o valor do serviço.

A conexão evidente com as interações off-line é tão crucial para os SNSs que Ellison e Boyd (2013) afirmam que muitos dos recursos subjacentes às primeiras ferramentas de CMCs foram incorporadas aos SNSs, tais como ser capaz de agrupar os usuários por interesse, descrever alguém textualmente e engajar-se em comunicações síncronas e assíncronas, que são aspectos centrais na experiência dos SNSs hoje. Entretanto, os SNSs incorporaram aspectos das formas anteriores de CMCs de um modo que amplificou o potencial de tais características porque estas foram imersas em um contexto social, aqui se acrescenta, prévio.

Apesar deste reconhecimento, a importância de tal conexão tem sido subestimada porque ainda tem sido, em muito, imersa em compreensões mais limitadas do homem, que tem se revelado ineficazes para pensar o diferencial destas novas plataformas e alcançar outros níveis, a fim de enriquecer a abordagem do fenômeno. Desse modo, esta conexão parece ser pressentida em sua importância, mas ainda é pobremente elucidada.

Quando não havia conexão encorajada entre o real e o virtual, o anonimato era implicitamente percebido como regra e o ciberespaço gerava uma insegurança óbvia, já que não seria possível haver associação das pessoas com seus atos, não sendo possível enquanto espaço para manutenção das relações, aqui acrescenta-se relações humanizadas, o tipo de relação que as pessoas esperam quando se engajam nas interações, mesmo que estas possam, por vezes, serem percebidas como impossíveis. O anonimato conduzia a ideia de liberdade plena, entretanto, essa liberdade tão percebida como objeto de desejo no imaginário comum, atraiu apenas alguns e o aspecto libertador do ciberespaço pareceu sufocar-se.

O problema com esta liberdade que não fazia com que ela fosse sentida com plenitude é que ela era uma liberdade sem Face¹⁶. O anonimato que supostamente

¹⁶ A primeira letra em maiúscula foi um emprego proposital.

tornava possível a ansiada liberdade, na verdade, não a tornava porque extraia deste seu aspecto mais importante: a responsabilidade. Com base na análise existencial frankliana é possível dizer que esta liberdade anônima não era autêntica, porque a liberdade autenticamente humana não existe sem responsabilidade, logo esta liberdade não poderia ser sentida com plenitude porque não era uma liberdade humana por excelência.

É possível pensar que, de fato, antes dos SNSs as pessoas, embora não necessariamente se mantivessem anônimas na Internet, o anonimato era uma opção relativamente atraente. Contudo, ainda facultado o anonimato nas SNSs, este torna inútil a plataforma nos seus propósitos. Isso significa que o usuário anônimo, de fato, não tem a mesma experiência do usuário que tem face, se ele quiser a experiência terá que “pagar o preço”. Isso acabou transmitindo mais segurança para as pessoas, uma vez que a não exigência implícita de identificação do online com o off-line, mesmo que não constituísse um espaço que necessariamente conduziria as pessoas a se comportar sem responsabilidade, tinha um peso porque era percebida como perigo pela crença de que se o homem pudesse obter tal liberdade, ele iria até as últimas consequências no seu exercício. Como Thurlow et al (2004) mencionam, o modo como as pessoas brincam com suas identidades online tende a ser superestimado, ocorrendo de forma menos exagerada ou dramática do que se poderia supor.

Quando os SNSs permitiram unificar liberdade e responsabilidade, as CMCs alcançaram o nível de humanização de modo que nenhuma CMC tinha conseguido até então, a liberdade começou a ser associada ao usuário e pode ser sentida como algo efetivamente dele, porque liberdade-responsabilidade. Quando as CMCs transcenderam a esfera psíquica dos mecanismos subjacentes à interação humana, e alcançaram um novo nível, focando não a liberdade ilimitada e ainda disponibilizando recursos para além de outras formas de comunicação, ocorreu a massiva adesão à Internet e os SNSs foram nitidamente reconhecidos como seu carro-chefe. As possibilidades da Internet se tornaram, então, efetivamente atraentes. Como Thurlow et al (2004) mencionam, de fato, a Internet é única na história da comunicação porque oferece as pessoas o potencial de se comunicar com um vasto número de pessoas de um modo que antes só era possível para pessoas muito abastadas ou muito poderosas.

Desse modo, a Internet se tornou um ambiente interessante para que as pessoas o tornassem parte do seu cotidiano e o virtual, tão concebido em oposição ao real,

começou a ser sentido como uma extensão deste e não mais simplesmente um espaço alternativo, de fuga, de modo que as pessoas poderiam utilizá-los como importantes ferramentas, o próprio uso da técnica já legitima uma história tipicamente humana.

Segundo Lévy (1999) uma tradição de pensamento sugere que as técnicas viriam de um outro planeta, o mundo das máquinas, frio e sem emoção e alheio a toda significação e valor humano, entretanto ele defende precisamente o contrário. Segundo o autor, as técnicas não apenas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade como tal. Nesse sentido, a técnica seria um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, possuindo efeitos distintos e agindo por vontade própria. As atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre pessoas vivas e pensantes, entidades materiais naturais e artificiais, ideias e representações. Sendo impossível separar o humano do seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio das quais ele atribui sentido à vida e ao mundo.

Da mesma forma, não seria possível separar o mundo material das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Mesmo supondo que realmente existiriam três entidades, isto é, técnica, cultura e sociedade, o autor defende que, em lugar de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura e que a distinção entre cultura, sociedade e técnica só é passível de ser conceitualmente (LÉVY, 1999).

Pensando o homem a partir da dimensão que lhe é própria, isto é, a noológica, se evidencia o papel desta liberdade na vida humana, bem como o próprio fato de que, a adesão ou não aos SNSs é, em última análise, resultado de uma vontade do sujeito, o que por si só, desequilibra quaisquer condicionantes. Todavia é importante resaltar que o fato dos SNSs terem alcançado um novo nível aparentemente os tornou mais efetivamente atraentes, contrariando a ideia de que o homem ansiava por uma liberdade sem responsabilidade. Desse modo, podemos considerar que o que as pesquisas têm tentado fazer é demonstrar quais fatores podem, em maior ou menor probabilidade, favorecer uma adesão ou não aos SNSs, considerando as motivações

individuais e grupais. Independente dos pressupostos subjacentes as investigações, observa-se que há um reconhecimento claro de que não é possível pensar em termos deterministas. O próprio Lévy (1999) defende que as técnicas são condicionantes e não determinantes.

Se entendemos o receio inicial sobre as CMCs a partir de um olhar logoterápico, este se clarifica de um nível tipicamente humano e os SNSs emergem enfatizando a abertura do homem. Deste modo, o engajamento explosivo nos SNSs pode ser percebido primariamente como fruto do movimento de busca do homem, do processo de abertura inerente a este em uma vontade de experiência verdadeiramente humana. Segundo Frankl (2011) o homem é um ser que busca e em sua busca a atinge o mundo, no qual encontra outros seres humanos e sentidos a realizar. Os SNSs seriam, desse modo, uma forma desse encontro com as outras vidas humanas em uma forma única, que não seria possível de ocorrer sem essa ferramenta.

Neste novo nível de compreensão, o próprio pânico moral que se instalou associado a ideia de vício em Internet, que também contribuiu para a ansiedade pública acerca das CMCs, conforme mencionam Thurlow et al (2004), pode ser revisto. Uma vez que se enfatiza a liberdade, se torna compreensível porque alguns autores argumentam que o vício em Internet tem uma relação muito mais significativa com as escolhas que as pessoas fazem em relação à sua vida social no ambiente online ou off-line do que com a tecnologia em si. Lévy (1999) menciona que vivenciamos a abertura de um novo espaço de comunicação e que é apenas de responsabilidade do homem a exploração das potencialidades mais positivas deste nos planos econômico, político, cultural e humano.

Uma compreensão fundada na análise existencial frankliana também permite observar que, no âmbito de uma Internet humanizada, existe uma ampla possibilidade de realização de valores. Os SNSs se tornaram ciberespaços de transcendência a partir de seus propósitos de fortalecimento da conexão entre as pessoas. Isso se evidencia quando percebemos que, como Jain (2013) afirma, a Web iniciou uma transformação magistral em como nós criamos, organizamos, acessamos e utilizamos dados, informações e experiências. Desse modo, podemos dizer os SNSs ampliaram as possibilidades de encontro e realização de valores ao homem e, esse processo, parece ser fundamentalmente viabilizado pelos perfis em seu sentido mais amplo, isto é, que inclui não apenas usualmente o que se denomina perfil, mas outras

características da experiência dos usuários que não são consideradas como tal, mas que também permitem reconhecer a unicidade do usuário.

No estudo que realizaram, Pempek et al (2009) observaram que, embora fosse esperado a observação de uma quantidade maior de experiências interativas, o que eles mais encontraram foi o *lurking*¹⁷, com os estudantes se contentando em olhar os perfis dos amigos e ter seus perfis examinados. O que leva a crer que há uma conexão especial dos usuários com seus perfis, ou auto-apresentações identitárias. Entretanto, afirmar que o *lurking* não é uma experiência interativa é, de certo modo, reducionista, uma vez que análise em outro nível permitiria evidenciar a interação aparentemente ausente. Para uma melhor avaliação deste aspecto faz-se necessário uma breve consideração acerca da taxonomia dos valores proposta por Frankl (1973).

Frankl (1973) reconhece três categorias de valores: criadores, vivenciais e atitudinais. Os valores seriam os aspectos que nos permitiriam compreender o valioso da vida e, conseqüentemente, catalisar a percepção de sentido. Os valores criadores se referem aqueles que se concretizam mediante uma realização do sujeito ou um ato criador em si, se expressariam essencialmente em algo que o sujeito, em determinada medida, dá ao mundo. A segunda categoria de valores, isto é, os vivenciais, são aqueles que se concretizam na entrega à beleza das coisas do mundo. A última categoria de valor, isto é, os atitudinais se referem aqueles cuja realização emerge do modo como o homem se insere em uma limitação da sua vida, expresso pelo seu modo de se comportar diante de um estreitamento de suas possibilidades.

Uma vez que a Internet amplia as possibilidades, e também por ser uma categoria que, em determinada medida depende do movimento da vida, a última categoria de valores possivelmente não teria um reconhecimento muito fácil nos SNSs. Todavia, certamente que não se excluiu a última categoria do fenômeno, apenas se ressalta que ela é menos evidente, inclusive pelo seu caráter, como o próprio Frankl (1973) menciona, esta categoria de valores emergiu para ressaltar que mesmo que uma existência possa parecer muito empobrecida em valores, só o será em valores criadores e vivenciais, estando colocado, portanto, ainda uma última oportunidade ao homem, provavelmente a maior, de realizar valores.

A possibilidade de valores criadores já emerge prontamente quando consideramos que os SNSs são um fenômeno da Web 2.0 que se diferencia do seu

¹⁷ Um comportamento que podia ser referido como “estar à espreita”.

nível anterior precisamente porque antes o usuário era muito mais um acumulador de conteúdos, agora ele é capaz de desenvolvê-los. Essa possibilidade é amplificada nos SNSs especialmente por um fenômeno que teria no perfil a sua representação máxima. Um aspecto diferenciador dos SNSs, como mencionam Ellison e boyd (2013) são precisamente os perfis, uma vez que estes possibilitam aos usuários criarem e uma criação que não é feita unicamente pelo sujeito, mas também por outros usuários, especialmente aqueles que lhe são caros. Entretanto, segundo DeWall et al (2011) ainda é pouco claro como as palavras que as pessoas utilizam ao se autodescrevem na Internet oferecem uma janela de formas motivadoras relevantes para a personalidade expressar a si mesma na rede mundial de computadores.

Considerando a estrutura do perfil, não se trata apenas de se autodescrever em palavras, os SNSs, na verdade, ofertam diversas formas pelas quais os sujeitos podem expressar a si mesmo, não apenas pela foto ou pelos campos que são preenchidos no perfil, a própria rede de contatos é uma forma de expressar uma faceta de si mesmo. De fato, Ellison e boyd (2013) mencionam que as formas mais antigas de CMCs permitiam o compartilhamento de informações sobre a identidade, mas os SNSs o fazem de modos diferentes e potencialmente mais poderosos devido a rede de amigos. Outras características também seriam similarmente amplificadas por meio da relação de amigos.

Segundo Pempek et al (2009) os SNSs permitem aos adultos jovens construir perfis e engajar-se em atividades que refletem seus marcadores de identidade. Uma vez que as amizades, relacionamentos românticos e ideologias permanecem aspectos centrais no desenvolvimento da adolescência é adequado que, na era digital, as preferências individuais de mídia tenham também emergindo como desempenhando uma função importante na expressão dos estudantes, de quem eles são. E, desse modo, o Facebook proporciona uma oportunidade única para os estudantes expressarem suas identidades.

Apesar de serem construídos em uma base comum, que faz com que eles apareçam frequentemente incluindo a foto do usuário e informações pessoais acerca deste, que descrevem seus interesses (PEMPEK et al, 2009), ele possui uma medida de personalização que ultrapassa o preenchimento de tais campos e é o resultado dos vários recursos disponibilizados ao usuário nestas plataformas. Em sendo personalizável, é algo que, em menor escala, o sujeito dá ao mundo. O serviço, nesse

sentido, apenas atua como um grande facilitador, como seria o propósito das técnicas em geral.

Diante da ampla possibilidade de personalização da experiência, de fato, ela adquire características únicas. Manovich (2001) chega a ponderar se realmente seria necessário conferir ao usuário tamanha liberdade, ou em outras palavras, se o usuário necessitaria disto. O autor conclui, baseado em suas leituras e reflexões, que a escolha, na chamada mídia interativa, envolve uma responsabilidade moral. Ao passar tais decisões para o usuário, se transmite também a responsabilidade de representar o mundo e a condição humana nele. Aqui acrescenta-se que seria como confiar o usuário a si mesmo, algo que em outros períodos, mediante as ideias que se difundiam em vários campos do conhecimento humano, inclusive o científico, seria pouco provável ou mesmo impensável. E projeto tem se revelado promissor.

Além da vivência de sentir-se responsável por um projeto de si e de humanidade melhores, a experiência da personalização funcionou de tal modo que talvez nada permita perceber mais a singularidade humana do que os SNSs, que embora sejam compostos por milhões de perfis que seguem um layout próprio e comum, não é possível encontrar páginas iguais, as páginas são tão diferentes quanto cada um dos seus criadores.

Nesse sentido, é cabível uma formulação a partir das ideias de Frankl acerca da unicidade e irrepitibilidade. Conforme Frankl (2011, p. 72) afirma “o homem é único tanto em termos de essência como de existência”. Desse modo, se justifica a afirmação dele de que nenhum homem pode ser substituído, em decorrência de seu caráter de unicidade. Neste sentido, é possível afirmar que uma compreensão baseada no noológico, reconhecido enquanto a dimensão integradora, permitiria o reconhecimento adequado desta unicidade.

Os SNSs são a marca do irrepitível e do que é único, ali o sujeito imprime as experiências significativas do seu tão cotidiano dia. É banal no sentido de que é cotidianidade, mas mesmo na cotidianidade um olhar mais acurado revela que nada se repete. Sendo assim, os SNSs são, em determinada medida, uma janela que permite observar a expressão da unicidade da irrepitibilidade da experiência humana.

Conforme foi previamente mencionado, algumas pesquisas vêm demonstrando a conexão de traços de personalidade com determinados aspectos dos perfis nos SNSs (ZHAO et al, 2008). Entretanto, esta faceta não tem sido verdadeiramente empregada para compreender a ligação do perfil com o usuário, uma vez que não há

um foco na unicidade, o que existe é uma tentativa de observar uma tendência, o que pode envolver preocupações patológicas subjacentes, o que por si só é generalista, entretanto a conexão do usuário com o perfil é sentida, em determinada medida, como algo que apenas ele é capaz de dar ao mundo e que, portanto, inevitavelmente carrega a marca do noético.

Certamente que o perfil, enquanto uma expressão do comportamento humano, é capaz de imprimir necessidades psicológicas específicas, o que faz com que elas possam ser identificadas nos estudos, entretanto, existe algo ali para além que permite ao homem reconhecer o seu ser único e não passa exclusivamente pelos seus traços de personalidade e que se evidencia ainda mais quando consideramos o potencial de expressão artística do perfil. O sujeito não se apega especificamente aos seus traços de personalidade, embora haja uma clara identificação, porque isso se repete em maior ou menor grau ao longo de uma curva de normalidade, ele se reconhece mais plenamente naquilo que é exclusivamente seu, o que é muito mais resultado de uma integração do que de um aspecto particularizado.

Fazendo uma analogia com as considerações de Frankl (1973) sobre a unicidade do ser amado, ainda que pegássemos todas as informações de alguém e criássemos um perfil sobre esta pessoa, ela provavelmente se veria ali, mas não se identificaria tal qual aconteceria se aquilo fosse algo de sua produção, já que é no ato de produzir que ela imprime a sua unicidade, possível apenas do noético. Nos SNSs, a auto-apresentação é de tal forma projetada que permite a produção. O que não acontece, por exemplo, com o preenchimento de um simples formulário online de informações pessoais, já que nem mesmo a letra do sujeito que o preenche se disponibiliza ali, o tornando algo passível de reprodução por qualquer outro. Isto não acontece com o perfil em seu sentido amplo, que embora possa ser passível de reprodução em alguns de seus aspectos, outros, sem dúvida, impossibilitam mesmo uma cópia intencionada.

O homem anseia por ser reconhecido em sua singularidade, seja indiretamente pelo trabalho, no sentido criador, ou diretamente, por meio do amor. Como Frankl (1973) menciona, o amor é graça porque o amado é essencialmente captado como um ser irrepitível no seu ser-aí (*Dasein*) e único no seu ser-assim (*Sosein*). Nos SNSs, a sensação de ser único e irrepitível se concretiza no ato de produção de sua página pessoal, o fato de poder disseminá-la e torná-la acessível a, virtualmente, o mundo inteiro, consiste em uma forma demonstrar sua unicidade para o mundo, entretanto, isto não importa se não houverem pessoas que lhe forem caras para que isto seja

direcionado. Virtualmente, o mundo inteiro é ao mesmo tempo ninguém, não transmite a sensação de intimidade que o homem busca no reconhecimento de sua unicidade. Do modo como se configuraram, os SNSs se tornaram, em determinada medida, um meio privilegiado de acesso a unicidade do outro e demonstrar a sua própria, elevando a sensação de intimidade de modo único, impossível de acontecer se não pelo modo tal como é facilitado por tais plataformas.

Segundo Pempek et al (2009) os SNSs, assim como os sites pessoais e mensageiros instantâneos, proporcionam uma forma fácil e acessiva de interagir com os pares e obter *feedback*. Tais oportunidades podem ser particularmente relevantes desde que os pares estejam prontamente disponíveis online a quase todo tempo e que as ferramentas proporcionadas tornem a comunicação fácil de ser conseguida. Desse modo, tais contatos podem fomentar o desenvolvimento da identidade e de relacionamentos íntimos, incluindo amizades, bem como os relacionamentos amorosos.

Ter a impressão de que os amigos estão dispostos a obter mais informações sobre nós e nós ofertar informações sobre eles e sobre nós mesmos, transmite a sensação de que você importa e que talvez importe como nunca porque é percebido no seu caráter de ser único e irrepetível. Além disso, o ciberespaço também permite omitir características de si pelos quais você acredita que os demais usuários, não inclusos na sua lista de amigos, formariam uma imagem prévia indesejada de si e, desse modo, potencializando a categoria de valores vivenciais, por meio de interações diferenciadas e das novas possibilidades de descoberta de si.

Como Thurlow et al (2004) mencionam, no ciberespaço, a conexão entre *self* e a apresentação do *self* se torna mutável diferentemente do mundo físico, no qual a sociedade frequentemente demanda que cada pessoa tenha uma identidade estável e fisicamente definida, embora, na verdade, toda identidade seja performance, múltipla e dinâmica e que, na prática, seja passível de troca a qualquer momento, dependendo do que estejamos fazendo e com quem estamos fazendo.

Além de multiplicarem as possibilidades de valores vivenciais, os SNSs consistem em si, em uma experiência vivencial única, tal qual os ciberespaços de um modo geral, mas com peculiaridades e possibilidades próprias, derivadas tanto de sua estrutura quanto dos usos que o homem tem feito desta e que transcendem os propósitos dentro dos quais eles foram inicialmente projetados. Apesar de estar se

tornando de corrente uso, utilizar os SNSs ainda conserva o seu quê de mágico, algo apreciável a qualquer ser humano que se propuser a usufruir.

Por fim, é relevante mencionar as possibilidades que os SNSs ofertam ao noético, de modo mais geral, em função da reinvenção do psíquico, biológico e mesmo do social. Zhao et al (2008), analisando as declarações de identidade nos perfis, observaram que os usuários frequentemente gerenciam a impressão que transmitem nestes, selecionando a informação que querem compartilhar e limitando ativamente a informação negativa. Desse modo, a pesquisa dos autores permitiu concluir que os perfis eram socialmente desejáveis, mas não irreais e refletiam a forma com que seus usuários desejariam aparecer para as outras pessoas.

A despeito das possíveis tendências patológicas que algumas formas de conceber o homem poderiam vislumbrar nos resultados da referida investigação, um olhar genuíno da dimensão sempre-saudável do homem observaria que

o propósito da psicoterapia seria trazer à tona as possibilidades últimas do paciente. Não penetrar seus mais profundos segredos, mas fazê-lo aperceber-se de valores latentes – relembrando o aforisma de Goethe, que poderia ser muito bem adotado como o máximo da psicoterapia: “Se tomarmos as pessoas como elas são, as tornaremos piores. Se nós as tratarmos como se elas fossem aquilo que almejam, nós as ajudamos a se tornarem o que elas são capazes de ser” (FRANKL, 1956, p. 56).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A massiva adesão aos SNSs tem suscitado inquietações em diversos campos de investigação, especialmente quando se observam as mudanças que a tecnologia tem introduzido na vida do homem. Todavia, seguindo as tendências de seu cenário mais amplo, os SNSs têm se revelado um fenômeno em rápida transformação, de modo tal que tem sido um grande desafio investigá-los desconsiderando sua dimensão temporal, isto é, pressupondo a estabilidade e, concomitantemente, a simplicidade e a objetividade no conhecimento do mundo, enquanto tripé sustentador de um modelo de ciência.

Embora as dificuldades teórico-metodológicas sejam frequentemente atribuídas ao fato dos SNSs consistirem em um fenômeno recente, é patente que podem ser situadas também na abordagem que tem sido feita a este, bem como ao próprio homem. O campo dos SNSs é mais fecundo do que se tem usualmente suposto, porém suas possibilidades investigativas têm sido restringidas por uma visão limitada, resultado de pressupostos sobre o homem e o mundo reducionistas.

O dualismo resultante do movimento de simplificação não é observável apenas na abordagem científica do fenômeno, mas também enquanto uma tendência mais ampla de pensamento que fez com que o virtual representado pelos ciberespaços fosse percebido sempre em oposição ao mundo real, resultando em um pessimismo acerca deste enquanto espaço possível para a vida social e historicamente perceptível no pensamento inicial das CMCs como formas necessariamente limitadas de comunicação.

Neste sentido, os SNSs contribuíram para confrontar o dualismo ao nitidamente aproximar as interações off-line das interações online, fazendo com que o virtual pudesse ser percebido em seu potencial de continuidade do real, bem como tem contribuído decisivamente para nos colocar diante das limitações do paradigma tradicional da ciência. Desse modo, inserir os SNSs no âmbito do pensamento sistêmico e do transacionismo são propostas defendidas pelo presente estudo e cujos primeiros passos foram aqui realizados.

A Análise Existencial de Viktor Frankl revelou-se particularmente frutífera para uma compreensão dos SNSs enquanto fenômeno tipicamente humano, possibilitando

um pensamento da adesão à tais plataformas em termos da indissociável liberdade-responsabilidade que marca os atos humanizados, bem como dos SNSs enquanto ciberambientes fecundos para a realização de valores e expressão da unicidade e irrepetibilidade do homem e de sua existência. Entretanto, salienta-se a necessidade de futuras investigações, especialmente empíricas, embasados em uma compreensão mais completa do homem na utilização dos SNSs, a fim de subsidiar maiores avanços.

Salienta-se, por fim, o caráter pioneiro da presente investigação, uma vez que, em toda literatura consultada, não se encontra nenhuma tentativa de compreensão do comportamento de uso dos SNSs na perspectiva da Análise Existencial de Frankl, ademais se considerarmos o suporte concomitante do pensamento sistêmico e do transacionismo. Diante das possibilidades que se tornam viáveis com a observação do homem e do mundo de um novo ângulo e que aqui foram demonstradas, é esperado que este estudo possa inspirar as futuras investigações na área a partir da base conceitual proposta.

REFERÊNCIAS

- AHMAD, Ateeq. A Short Description of Social Networking Websites And Its Uses. **International Journal of Advanced Computer Science and Applications**, n. 2, v. 2, 2010. p. 124-128.
- ALDWIN, Carolyn M. Introduction and the Purpose of this Book. In: _____. **Stress, Coping, and Development**. New York: The Guilford Press, 2007. p. 1-12.
- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo (org.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011. 668 p.
- AMICHAÏ-HAMBURGUER, Yair; VINITZKY, Gideon. Social network use and personality. **Computers in Human Behavior**, n. 6, v. 26, 2010, p. 1289-1295.
- ANDERSON, Beth et al. Facebook Psychology: Popular Questions Answered by Research. **American Psychological Association**, n. 1, v. 1, 2012, p. 23-37.
- AQUINO, Thiago Antônio Avellar de et al. O Amor entre Jovens nos Tempos de *Ficar*: Correlatos Existenciais e Demográfico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 1, v. 32, 2012, p. 112-125.
- BELL, David. **An Introduction to Cybercultures**. London/New York: Routledge, 2005. 246 p.
- BENEVENUTO, Fabrício et al. Characterizing user navigation and interactions in online social networks. **Information Sciences**, v. 195, 2012, p. 1-24.
- BERGMAN, Shawn M. et al. Millennials, narcissism, and social networking: What narcissists do on social networking sites and why. **Personality and Individual Differences**, n. 5, v. 50, 2011, p. 706-711.
- BICEN, Huseyin; CAVUS, Nadire. The most preferred social network sites by students. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, n. 2, v. 2, 2010, p. 5864-5869.
- BILLIEUX, Joël; VAN DER LINDEN, Martial. Problematic Use of the Internet and Self-Regulation: A review of the Initial Studies. **The Open Addiction Journal**, v. 5, 2012, p. 24-25.
- BOYD, danah m.; ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, n. 1, v. 13, 2007, p. 210-230.
- BUFFARDI, Laura E.; CAMPBELL, W. Keith. Narcissism and Social Networking Web Sites. **Personality and Social Psychology Bulletin**, n. 10, v. 34, 2008, p. 1303-1314.

CHEUNG, Christy M. K.; LEE, Matthew K. O. A theoretical model of intentional social action networks. **Decision Support Systems**, n. 1, v. 49, 2010, p. 24-30.

CHEUNG, Christy M. K.; CHIU, Pui-Yee; LEE, Matthew K. O. Online social networks: Why do students use facebook? **Computers in Human Behavior**, n. 4, v. 27, 2011, p. 1337-1343.

DAVENPORT, Shaun W. et al. Twitter versus Facebook: Exploring the role of narcissism in the motives and usage of different social media platforms. **Computers in Human Behavior**, v. 32, 2014, p. 112-220.

DHAHA, Ismail Sheikh Yusuf. Predictors of Facebook Addiction Among Youth: A Structural Equation Modeling (SEM). **Journal of Social Sciences**, n. 4, v. 2, 2013, p. 186-195.

DEWALL, C. Nathan et al. Narcissism and implicit attention seeking: Evidence from linguistic analyses of social networking and online presentation. **Personality and Individual Differences**, n. 1, v. 51, 2011, p. 57-62.

DEWEY, John; BENTLEY, Arthur F. **Knowing and the Known**. Boston: Beacon Press, 1949. 334 p.

DHOLAKIA, Utpal; BAGOZZI, Richard P.; PEARO, Lisa Klein. A social influence model of consumer participation in network- and small-group-based virtual communities. **International Journal of Research in Marketing**, v. 21, 2004, p. 241-263.

FRANKL, Viktor E. The Concept of Man in Psychotherapy. **Pastoral Psychology**, n. 8, v. 6, 1955, p. 16-26.

FRANKL, Viktor E. From psychotherapy to logotherapy. **Pastoral Psychology**, n. 5, v. 7, 1956, p. 56-60.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. São Paulo: Quadrante, 1973. 352 p.

FRANKL, Viktor E. **A Vontade de Sentido**: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011. 239 p.

ELLISON, Nicole. B.; BOYD, danah. Sociality through Social Network Sites. In: DUTTON, W. H. (ed.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 151-172.

GENTILE, Brittany et al. The effect of social networking websites on positive self-views: An experimental investigation. **Computers in Human Behavior**, n. 5, v. 28, 2012, p. 1929-1933.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 233 p.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**: uma Introdução à Filosofia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 435 p.

JAIN, Ramesh. EventWeb: towards social life networks. **Philosophical Transactions of the Royal Society A**, 2013, p. 2-11.

JIMÉNEZ, Antonio García; LÓPEZ, María Cruz López de Ayala; PISIONERO, Carmen Gaona. A vision of uses and gratifications applied to the study of Internet use by adolescents. **Comunicación y Sociedad**, n. 2, v. 25, 2012, p. 231-254.

KALPIDOU, Maria; COSTIN, Dan; MORRIS, Jessica. The Relationship Between Facebook and the Well-Being of Undergraduate College Students. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, n. 4, v. 14, 2011, p. 183-189.

KATZ, Michael L.; SHAPIRO, Carl. Network Externalities, Competition, and Compatibility. **The American Economic Review**, n. 3, v. 75, 1985, p. 424-440.

KIESLER, Sara; SIEGEL, Jane; MCGUIRE, Timothy. Social Psychology Aspects of Computer-Mediated Communication. **American Psychologist**, n. 10, v. 39, 1984, p. 1123-1134.

KUHN, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 3 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996. 212 p.

LANTZ, Jim. Depression, Existential Family Therapy, and Viktor Frankl's Dimensional Ontology. **Contemporary Family Therapy**, n. 1, v. 23, 2001, p. 19-32.

LAZARUS, Richard S. Coping theory and research: past, present, and future. **Psychosomatic Medicine**, v. 55, 1993, p. 234-247.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. **Stress, Appraisal, and Coping**. New York: Springer, 1968. 445 p.

LEE, Chun-Chia; CHIOU, Wen-Bin. Keep Logging In! Experimental Evidence Showing the Relation of Affiliation Needs to the Idea of Online Social Networking. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, n. 6, v. 16, 2013, p. 419-422.

LEUNG, Louis. 2013. Generational differences in content generation in social media: The roles of the gratifications sought and of narcissism. **Computers in Human Behavior**, n. 3, v. 29, 2013, p. 997-1006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999. 250 p.

LIN, Kuan-Yu; LU, His-Peng. Why people use social networking sites: An empirical study integrating network externalities and motivation theory. **Computers in Human Behavior**, n. 3, v. 27, 2011, p. 1152-1161.

LIVINGSTONE, Sonia. Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and selfexpression. **New Media & Society**, n. 3, v. 10, 2008, p. 393-411.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001. 307 p.

MEHDIZADEH, Soraya. Self-Presentation 2.0: Narcissism and Self-Esteem on Facebook. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, n. 4, v. 13, 2010, p. 357-364.

MOONEY, Carla. **Online social networking**. Farmington Hills, MI: Gale/Cengage Learning, 2009, 120 p.

MOORE, Kelly; MCELROY, James C. The influence of personality on Facebook usage, wall postings, and regret. **Computers in Human Behavior**, n. 1, v. 28, 2012, p. 267-274.

NAKAMURA, Lisa. Cyberrace. **Publication of the Modern Language Association**, n. 5, v. 123, 2008, p. 1673-1688.

PAGE, William H.; LOPATKA, John E. Network Externalities. In: BOUCKAERT, Boudewijn; DE GEEST, Gerrit (eds.). **Encyclopedia of Law and Economics, Volume 1: The History of Methodology of Law and Economics**. Cheltenham: Edward Elgar, 2000. p. 952-980.

PALMA, Roberto J. Viktor E. Frankl: Multilevel Analyses and Complementarity. **Journal of Religion and Health**, n. 1, v. 15, 1976, p. 15-25.

PANEK, Elliot T.; NARDIS, Yioryos; KONRATH, Sara. Mirror ou Megaphone?: How relationships between narcissism and social networking site use differ on Facebook and Twitter. **Computers in Humans Behavior**, n. 5, v. 29, 2013, p. 2004-2012.

PARK, Namsu; KEE, Kerk F.; VALENZUELA, Sebastián. Being Immersed in Social Networking Environment: Facebook Groups, Uses and Gratifications and Social Outcomes. **Cyberpsychology & Behavior**, n. 6, v. 12, 2009, p. 729-733.

PEMPEK, Tiffany A.; YERMOLAYEVA, Yevdokiya A; CALVERT, Sandra L. College students' social networking experiences on Facebook. **Journal of Applied Developmental Psychology**, n. 3, v. 30, 2009, p. 227-238.

PEREIRA, Ivo Studart. **A Ética do Sentido da Vida: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2013. 160 p.

PERRY, Martha Sue. **Face to face versus computer-mediated communication: couples satisfaction and experience across conditions**. University of Kentucky Master's Theses. Lexington, 2010. 98 p.

PETER, Richard. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

PEW RESEARCH Global Attitudes Project. **Emerging Nations Embrace Internet, Mobile Technology**: Cell Phones Nearly Ubiquitous in Many Countries. Survey Report. Data de publicação: 13 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2014/02/13/emerging-nations-embrace-internet-mobile-technology/#>>. Acesso em: 20 out. 2014.

RAACKE, John; BONDS-RAACKE, Jennifer. MySpace and Facebook: Applying the Uses and Gratifications Theory to Exploring Friend-Networking Sites. **Cyberpsychology & Behavior**, n. 2, v. 11, 2008, p. 169-174.

ROSEN, L. D. et al. Is Facebook creating “iDisorders”? The link between clinical symptoms of psychiatric disorders and technology use, attitudes and anxiety. **Computers in Human Behavior**, n. 3, v. 29, 2013, p. 1243-1254.

ROSS, Craig et al. Personality and motivations associated with Facebook use. **Computers in Human Behavior**, n. 2, v. 25, 2009, p. 578-586.

RYAN, Tracii; XENOS, Sophia. Who uses Facebook? An investigation into the relationship between the Big Five, shyness, narcissism, loneliness, and Facebook usage. **Computers in Human Behavior**, n. 5, v. 27, 2011, p. 1658-1664.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Sociedade da Informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 19, 2009, p. 45-55.

SCHWARTZ, Sarah. **Does Facebook Influence Well-Being and Self-Esteem Among Early Adolescents?** Dissertação de Mestrado submetida a Faculdade de Trabalho Social da Universidade St. Catherine e Universidade St. Thomas. St. Paul, Minnesota, 2012.

SMITH, Kirsten P.; CHRISTAKIS, Nicholas A. Social Networks and Health. **Annual Review of Sociology**, v. 34, 2008, p. 405-418.

STAINFIELD, Charles; ELLISON, Nicole B.; LAMPE, Cliff. Social capital, self-esteem, and use of online social network sites: A longitudinal analysis. **Journal of Applied Developmental Psychology**, n. 6, v. 29, 2008, p. 434-445.

TERRANOVA, Tiziana. Free Labor: Producing Culture for the Digital Economy. **Social Text**, n. 2, v. 18, 2000, p. 33-58.

(TICHA) LIMA, Patrícia Albuquerque de. Contextualização da Gestalt Terapia no universo das abordagens psicoterapêuticas do novo paradigma. **Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar na Rede**, n. 6, v. 4, 2007, p. 13-21.

THURLOW, Crispin; LENGEL, Laura; TOMIC, Alice. **Computer Mediated Communication**: social interaction and the internet. Londres: SAGE Publications, 2004. 254 p.

UUSIAUTTI, Satu; MÄÄTTÄ, Kaarina. I am no longer alone – How do university students perceive the possibilities of social media? **International Journal for Adolescence and Youth**, n. 3, v. 19, 2014, p. 293-305.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. **Pensamento Sistêmico: o Novo Paradigma da Ciência**. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. 267 p.

WALTHER, Joseph B. Interpersonal effects in computer-mediated interaction: A relational perspective. **Communication Research**, n. 1, v. 19, 1992, p. 52-90.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, n. 2, v. 29, 2000, p. 71-77.

ZHAO, Shanyang; GRASMUCK, Sherri; MARTIN, Jason. Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. **Computers in Human Behavior**, n. 5, v. 24, 2008, p. 1816-1836.

ZHONG, Bu; HARDIN, Marie; SUN, Tao. Less effortful thinking leads to more social networking? The associations between the use of social network sites personality traits. **Computers in Human Behavior**, n. 3, v. 27, 2011, p. 1265-1271.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela Descritiva dos Estudos Seleccionados

Tabela 2. Levantamento Exemplificativo dos Estudos Desenvolvidos no Campo de Investigação dos SNSs

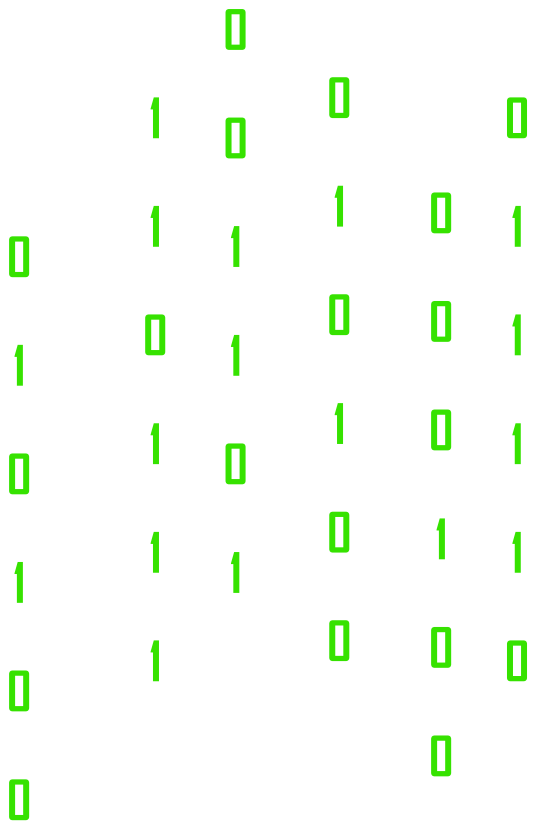
OBJETIVO GERAL	AUTORES	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOS AUTORES	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Conhecer como o narcisismo se manifesta em um SNS	Buffardi e Campbell (2008)	Psicologia	Narcisismo
Explorar as práticas dos adolescentes nos SNSs a fim de descobrir as conexões sutis entre risco e oportunidade online	Livingstone (2008)	Economia/Ciências Políticas	Não evidenciada pelo autor
Obter informações gerais da prevalência de uso entre universitários e as características destes e desenvolver uma análise baseada nos usos e gratificações	Raacke e Bond-Raacke (2008)	Psicologia	Usos e Gratificações
Investigar como a personalidade influencia na utilização ou não-utilização do Facebook	Ryan e Xenos (2008)	Não disponível no estudo	Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade
Investigar a relação entre intensidade de uso do Facebook, medidas de bem-estar psicológico e capital social <i>bridging</i>	Steinfeld et al (2008)	Ciências da Informação Mídias	Capital Social
Investigar a construção da identidade no Facebook	Zhao et al (2008)	Sociologia	Identidade

Identificar as necessidades associadas com atividades sociais reais que levam ao uso do <i>Facebook Groups</i>	Park et al (2009)	Jornalismo Mídias Comunicações	Usos e Gratificações
Investigar o quanto, por que e como adultos jovens utilizam os SNSs	Pempek et al (2009)	Psicologia	Estudo de cunho essencialmente descritivo
Investigar como o Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade se relaciona com o uso do Facebook	Ross et al (2009)	Psicologia	Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade
Estudar a conexão entre a personalidade e o comportamento no SNS	Amichai-Hamburger e Vinitzky (2010)	Psicologia Economia/Negócios	<i>Impression Management</i> Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade
Investigar o uso dos SNSs e o SNS de maior preferência dos usuários	Bicen e Cavus (2010)	Ciências da Computação	Estudo de cunho essencialmente descritivo
Desenvolver e validar empiricamente um modelo de pesquisa baseado na ação social intencional	Cheung e Lee (2010)	Economia Ciências da Informação	Ação Social Intencional Processo de Influência Social
Examinar como o narcisismo e a autoestima se manifestam no Facebook	Mehdizadeh (2010)	Psicologia	Narcisismo* Autoestima*
Conhecer os tipos de redes sociais utilizados	Ahmad (2011)	Ciências da Computação	Estudo de cunho essencialmente descritivo

Investigar a relação entre narcisismo e as atividades no SNS e motivação para estas	Bergman et al (2011)	Psicologia Economia/Négocios	Narcisismo
Investigar os fatores que levam os estudantes a utilizar as redes sociais	Cheung et al (2011)	Economia Ciências da Informação	Ação Social Intencional Usos e Gratificações
Examinar como o narcisismo encontra-se associado ao modo como as pessoas comunicam informações sobre si mesmas	DeWall et al (2011)	Psicologia	Narcisismo
Investigar a relação entre Facebook e bem-estar psicológico	Kalpidou et al (2011)	Psicologia	Não evidenciada pelos autores
Investigar a associação entre uso de SNSs e traços de personalidade	Zhong et al (2011)	Comunicação Economia	Não evidenciada pelos autores
Apresentar uma análise profunda das sessões dos usuários nos SNSs	Benevenuto et al (2012)	Ciências da Computação Tecnologia da Cultura	Estudo de cunho essencialmente descritivo
Descobrir porque alguns indivíduos encontram-se mais envolvidos no Facebook que outros	Moore e McElroy (2012)	Marketing Administração	Modelo dos Cinco Fatores de Personalidade
Identificar preditores de vício em Facebook entre jovens	Dhaha (2013)	Comunicação	Usos e Gratificações

Explorar se a necessidade primária por afiliação levaria a ideia de utilizar o SNS	Lee e Chiou (2013)	Ciências da Informação	Não evidenciada pelos autores
Propor um modelo de pesquisa para explicar porque as pessoas continuam aderindo aos SNSs	Lin e Lu (2013)	Ciências da Informação	Teoria Motivacional Efeitos de Rede
Testar se há uma associação positiva entre uso de SNSs e narcisismo e explorar a relação entre as diferenças entre o Twitter e o Facebook e os diferentes componentes narcísicos em amostras de adultos.	Panek et al (2013)	Comunicação Ciências Sociais	Narcisismo
Testar se o uso de tecnologias ou mídias específicas, ansiedades associadas à tecnologia ou atitudes em relação à tecnologia podem predizer sintomas clínicos de seis distúrbios de personalidade (esquizoide, narcísico, antissocial, compulsivo, paranoide ou histriônico) e três distúrbios de humor (depressão maior, distonia e mania-bipolar)	Rosen et al (2013)	Psicologia	Distúrbios de Humor Distúrbios de Personalidade
Testar hipóteses de narcisismo no Facebook e Twitter em universitários adultos	Davenport et al (2014)	Administração Psicologia	Narcisismo
Investigar qual os benefícios percebidos na utilização de SNSs e o tipo de capital social que elas proporcionam em estudantes universitários	Uusiautti e Määttä (2014)	Educação	Capital Social

Fonte: Elaboração própria a partir dos estudos consultados na presente investigação. A sequência de apresentação foi estipulada a partir do ano de publicação do artigo, quando esta foi equivalente o critério utilizado foi a ordem alfabética do último nome do primeiro autor. Embora não tenha sido observado consenso na denominação do objeto, na descrição do objetivo foi empregada a denominação adotada no presente estudo, quando cabível.



ADESÃO E USO DAS REDES SOCIAIS (SNSs)

RENALLE RUANA PESSOA RAMOS

